





OBSCURA
EPIFANIA

antologia literária

Érica de Oliveira

(organizadora)

OBSCURA EPIFANIA

antologia literária

Editora Jogo de Palavras

1ª edição | novembro de 2018

Editado em Alumínio, SP

Copyright © 2018 by Editora Jogo de Palavras

Revisão | Érica de Oliveira

Editoração | João Paulo Hergesel

Ilustração de capa | CC0 License

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O14 Obscura epifania / Vários autores ; organizado por Érica de
Oliveira. - Alumínio, SP : Jogo de Palavras, 2018.
118 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-66626-95-7

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Contos. 4. Poemas. 5. Terror. I.
Oliveira, Érica de. II. Título.

2018-1742

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Todos os direitos desta edição reservados a:

Editora Jogo de Palavras

Alumínio, SP ● 2018

www.jogodepalavras.com

Sumário

Juvenal e o entregador de pães <i>Regina Ruth Rincon Caires</i>	11
A bicicleta do diabo <i>Marcelo Gomes Jorge Feres</i>	19
Ninar <i>Lara Lize Signorette</i>	27
A Incessante Sede de morte sombria <i>Giórgia Neiva</i>	29
O ônibus escolar <i>Guilherme Hernandez Filho</i>	38
Alguém quer carne de charque? <i>Edih Longo</i>	42
Confinado <i>Joaquim Bispo</i>	50
O livro <i>Evandro Valentim de Melo</i>	56
Cuca <i>Geraldo Trombin</i>	67
AcidaMente <i>Aparecida Gianello dos Santos</i>	68

Leonora	
<i>Paulo Luís Ferreira</i>	71
Interrupção	
<i>Nina Bichara</i>	80
Os caminhantes	
<i>Luís Amorim</i>	86
As meninas-leão	
<i>Alberto Arecchi</i>	88
Daemon	
<i>Ricardo Mendonça Cardoso</i>	94
O rosto	
<i>David Leite</i>	95
Auto(psycho)grafia	
<i>André Foltran</i>	97
Sonho	
<i>Ravena Barros</i>	98
Havia falta de fé na penumbra	
<i>Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva</i>	100
Tréplica	
<i>Roque Aloisio Weschenfelder</i>	103

Visão	
<i>Antônio Luiz de Medeiros Campos</i>	106
Sobre os autores	107

Juvenal e o entregador de pães

Regina Ruth Rincon Caires

O dia de Finados estava se aproximando...

Época do ano que rendia um ganho a mais para Juvenal, e que o ajudava a remendar as dívidas. Era pintor de parede, ajudante de pedreiro, enfim, era o que precisava que fosse. Pau pra toda obra! O que não lhe faltava era disposição. Homem de meia idade, sem estudo, nascido e crescido por ali. Benquistado, transitava bem entre todos os moradores da vila.

O cemitério, que ficava na saída da vila, na parte alta, podia ser visto de longe. Era imenso, todo cercado com muro de tijolos. Dentro, muito espaço. A pequena capela ficava perto do portão de entrada, e, por toda a volta, túmulos largamente espalhados. No fundo do terreno, uma área enorme, desocupada, reservada para servir aos futuros funerais por muitos e muitos anos.

Alguns jazigos eram religiosamente cuidados durante todo o ano. As famílias visitavam seus mortos semanalmente, quinzenalmente. Limpavam, podavam as plantas que cercavam as sepulturas, cuidavam da pintura quando descorada. Estes jazigos sempre estavam impecáveis! Os demais ganhavam trato apenas na época de Finados. E sempre havia muito trabalho. As chuvas, com as suas enxurradas volumosas, levavam a terra, as

calçadas e os tijolos das sepulturas. E havia, ainda, as rachaduras provocadas pelas acomodações do terreno. Além disso, o sol impiedoso descorava as pinturas, deixava tudo muito triste, desgastado.

Naquela época não havia floricultura nem flores plásticas. As flores, que eram colocadas nos túmulos, eram colhidas nos quintais das casas. As famílias as levavam no amanhecer do dia de Finados, e eram colocadas em vasos com água, sem a menor preocupação com doenças. Não se falava em dengue.

Se não fosse dessa maneira, recorriam às flores de papel crepom e de pano, feitas em casa, ou às coroas de flores de lata. Compradas na funerária, pedidos feitos de acordo com as encomendas, essas coroas eram do tamanho de um aro de bicicleta. Tinham as folhas e flores feitas de lata, material parecido com o zinco, todas recortadas, trançadas, presas aos fios de arame que formavam a circunferência. E pintadas à mão.

Essas coroas resistiam por anos e anos, mas desbotavam. Então, anualmente elas recebiam uma demão de tinta. Tinta a óleo verde para as folhas, e as flores sempre vermelhas, amarelas, ou brancas. Eram essas as cores que Juvenal usava. Não colocava outras cores. Nem sei se havia...

Nunca ninguém ousou misturar o vermelho com branco para fazer a flor rosa. Vivi essa realidade por anos

e anos a fio, e nunca vi uma flor de lata pintada de outra cor que não fosse vermelha, amarela, ou branca.

E todos estes serviços, desde o aterramento dos túmulos até a pintura das coroas de lata, tudo era feito por Juvenal. Bastava olhar o túmulo no dia de Finados. Pelas cores da coroa era possível saber se tinha, ou não, recebido os cuidados do Juvenal.

E, para dar conta de todo esse trabalho, Juvenal começava com muitos dias de antecedência. Primeiro fazia os serviços mais grosseiros. Aterrava, consertava as calçadas, recolocava os tijolos que faltavam, recompunha os túmulos com rachaduras, cuidava dos rebocos, da pintura dos jazigos. E eram muitos... Dezenas e dezenas deles. E, por último, ficava o serviço de pintura das coroas de lata. Que também eram muitas... Dezenas e dezenas delas.

Trabalhava das seis da manhã às seis da tarde. Levava a comida num caldeirão com tampa, assim não perdia tempo em voltar para casa no meio do dia. E como trabalhava!

Particularmente nesse ano, nesse período de Finados, o trabalho estava atrasado. Talvez pelo calor excessivo, talvez por ter assumido mais tarefas que nos anos anteriores, ou até mesmo porque Juvenal estava mais velho, mais lento. Enfim, não importava a razão, o que

importava é que o trabalho estava atrasado, e precisava ser feito em tempo.

Assim, na véspera, faltando um dia para Finados, Juvenal, que precisava finalizar a pintura das coroas, e sabendo que para isso precisaria de mais horas de trabalho, decidiu que pintaria durante toda a noite. E assim o fez. Afinal, uma noite em claro não o prejudicaria em nada.

Quando começou a escurecer, pediu ao coveiro que, antes de sair, deixasse acesa a luz do poste ao lado da capela. Juntou ali as coroas ainda a serem pintadas, as tintas, os pincéis, a moringa com água, e continuou seu trabalho.

Estava uma noite tranquila. Apesar do calor insuportável do dia, a brisa da noite era fresca. Noite escura, sem lua. E Juvenal trabalhava sem parar...

Lá pelas cinco horas da manhã, contente por estar chegando ao fim da empreitada, começou a ficar incomodado. Estava com fome, e não havia nada para comer. Tinha trabalho para mais duas horas, mas estava com fome...

Sem parar com as mãos nos pincéis, pensava, insistentemente, numa maneira de arrumar alguma coisa para comer.

De repente, ouviu o trotar de um cavalo bem distante. Longe, bem longe...

Apurou os ouvidos, e percebeu que era a carroça do entregador de pães. Isso mesmo! A padaria do Seu Miguelão Português, única da vila, oferecia esse serviço. Os pães eram feitos na madrugada, e o empregado saía com a carroça para fazer as entregas nas casas dos fregueses mensalistas. E também vendia pães para quem os quisesse comprar.

Era uma carroça pintada de branco, feita de folha de flandres, ou de zinco, fechada, com portinhola na parte de trás. Nas laterais havia o desenho de um imenso bigode preto e uma boca com um discreto sorriso. Coisa do Seu Miguelão Português, que nem tinha bigode!

Em cada entrega, o empregado parava a carroça, descia, abria a portinhola traseira, acondicionava os pães em sacos de papel, e os colocava no embornal pendurado no portão, ou na porta, ou na parede da casa do freguês. Sempre havia um embornal esperando. E, muitas vezes, o próprio freguês estava de pé, aguardando na calçada.

Serviço trabalhoso e demorado.

Juvenal se animou. Afinal, quando a carroça passasse por ali, ele poderia comprar dois pães e aplacaria a fome. E continuou pintando enquanto esperava que o entregador rodasse pelos quarteirões, e finalmente descesse pela rua do cemitério. Não podia perder tempo!

Quando percebeu que a carroça estava bem próxima, Juvenal correu para o canto do muro do cemitério, subiu num cavalete de pau que ficava ali, e com a cabeça acima do muro, ergueu os braços e começou a balançá-los no ar para chamar a atenção do entregador de pães, sem que precisasse gritar. Afinal, ainda estava escuro, e muitas pessoas ainda dormiam.

O cemitério ficava num terreno bem alto, a rua da frente era de terra, forrada de pedriscos e cascalhos soltos, e formava uma ladeira em direção à vila.

Costumeiramente, quando o entregador de pães passava diante do cemitério, um tanto ressabiado, naquele lugar ermo, numa noite escura, tratava de fustigar o cavalo para que fosse mais rápido. Ao começar a descer a ladeira, vislumbrou no canto do muro a cabeça de Juvenal, os braços erguidos sendo sacudidos no ar... Na escuridão não dava para saber quem era quem. E ele nem queria saber... Ficou endoidecido! Soltou as rédeas, levou as mãos à cabeça, enfiou os dedos pelos cabelos e destampou a gritar. Urrava de pavor...

O cavalo, com as rédeas soltas, desembestou numa carreira doida ladeira abaixo. A carroça quase nem tocava as rodas no chão. Voava! E foram tantos solavancos que as amarras se soltaram, a carroça se desvencilhou, tombou. O entregador de pães, aos berros, foi arremessado longe, caindo sobre uma moita de capim. E berrava. Sentado,

com as mãos enfiadas nos cabelos, os olhos estatelados, gritava...

Juvenal, atordoado, continuava no canto do muro, também com as mãos na cabeça. Tudo aconteceu tão rápido... Só então percebeu que havia assustado o entregador de pães

Como estava sem a chave do cadeado do portão, o coveiro o deixara trancado, Juvenal fez um esforço danado para pular o muro e ganhar a rua. E, no escuro, saiu à procura do entregador de pães.

Orientado pelos gritos, foi chegando perto. O cavalo escafedeu-se. A carroça estava ali, virada, de rodas para cima, pães esparramados pela rua inteira misturados com a terra, com o cascalho, uma desordem absurda!

Tateando no escuro e guiado pelos berros, avistou o entregador de pães. Esgoelando, ensandecido! E procurou aproximar-se, devagarinho...

Quanto mais se aproximava, mais ele berrava. E foi chegando gente... O entregador de pães acordara toda a vizinhança. Acho que toda a vila, tamanha a multidão que se juntava!

E todo mundo ali querendo saber o que estava acontecendo, o entregador se esgoelando, arrancando os cabelos, e Juvenal no meio daquela doideira. Numa encabulação que fazia pena!

Juvenal implorava ao entregador de pães que se calasse, ele queria explicar o que havia acontecido. Queria falar que fora ele quem acenou no muro do cemitério, que estava com fome, que estava trabalhando... Mas, que nada... Inútil. O entregador de pães só queria gritar...

O dia estava clareando, e Juvenal continuava ali, sentado no capim, olhando para os pães espalhados pela rua, na terra. E o entregador, aos berros.

Foi chamado o Seu João da botica, o único farmacêutico da vila. Ele tentou, por inúmeras vezes, falar com o entregador de pães. Inutilmente... Então, à força, cinco homens o imobilizaram e o levaram para o posto de saúde. E ele, gritando.

Pelo que se conta, ele gritou por dois dias e duas noites, até que a voz acabou. E, por muito tempo, acordava no escuro da noite e punha-se a gritar.

O entregador de pães se foi há muito tempo, mas durante o tempo em que viveu depois daquele dia de Finados, nunca mais foi o mesmo.

E Juvenal, que se foi um pouco depois, nunca conseguiu explicar ao entregador de pães o que realmente acontecera naquela madrugada. Sempre que tentava, o entregador se transtornava, e os gritos voltavam. Então, ele desistiu.

Deixou por isso mesmo...

A bicicleta do diabo

Marcelo Gomes Jorge Feres

No dia 17 de setembro de 1944, na operação militar chamada Market Garden, um soldado paraquedista inglês foi lançado, juntamente com sua bicicleta, sobre a cidade de Nimegue, nos Países Baixos.

Seu nome era Charles Wesley, tinha dezenove anos e era noivo de uma tal Jessica Smith. Fazia parte de uma tropa treinada para avançar em terrenos acidentados utilizando a ajuda de bicicletas; era um Paratrooper. Sua missão era matar alemães e seus aliados, mas, especificamente, daquela vez, teria de ajudar a ocupar determinada ponte, ou a destruí-la, na preparação da invasão da Alemanha nazista pelas tropas Aliadas.

Charles trazia um retrato de sua amada noiva, Jessica, embutido em um broche atado a uma corrente de ouro, ao redor de seu pescoço. Após saltar do avião e quase chegando ao solo, em sua descida de paraquedas - e durante a qual vislumbrara lindas paisagens -, ficara preso aos galhos de uma árvore, quando a corrente de ouro enroscou em seus galhos. E assim ocorreu de o peso da bicicleta, e que havia de modo inexplicável ficado presa aos pés de Charles, levado o infeliz soldado a morrer enforcado.

Em julho de 1948, passados anos deste episódio e já finda a Segunda Guerra, algumas centenas de holandeses fundaram uma cooperativa agropecuária em uma antiga fazenda, em Paranapanema, no estado de São Paulo, no sudeste do Brasil. Entre esses imigrantes havia um, de nome Kaspar Gastman, que trouxera ao Brasil consigo, uma bicicleta desmontável que, segundo ele mesmo contava, havia encontrado abandonada em um campo de batalha, durante a Segunda Guerra Mundial.

Conta-se ainda hoje na região de Paranapanema que, em uma noite de sexta-feira, noite de lua cheia, no ano de 1950, houve uma aposta feita em uma mesa de pôquer em um bar da cidade, na qual um imigrante holandês apostou uma rara e cara bicicleta, da Segunda Guerra, contra uma noite de amor com a mulher de um tal Chico. Conta-se, ainda, que o tal Chico perdeu no jogo de pôquer a sua mulher, por uma noite, e que cumpriu com a palavra dada na mesa de jogo, entregando a mulher a outro homem, mas que, no dia seguinte, uma vez já paga a aposta e cumprido o prometido pela aposta feita, e perdida, matou a facadas a própria mulher e que, ainda, matou também a facadas o tal imigrante holandês. Conta-se que, depois dos assassinatos, o infeliz que bebera veneno de rato, vindo a morrer em estertores de agonias e chamando por sua mulher.

Renato é filho de Matias. Matias enriquecera lá pelas bandas do sul. Dizem que trabalhava com compra e venda de coisas antigas. Mas o fato é que Matias enriquecera e seu filho, Renato, gozava, agora, no início dos anos setenta, da ótima situação financeira da família. Residiam, todos da família, junto a Lagoa Rodrigo de Freitas, na zona sul do Rio de Janeiro.

Mistério, mesmo, era a origem daquela bicicleta. Chamava a atenção de todos por sua aparência e por sua peculiar antiguidade. Vendê-la, Matias dizia que jamais a venderia. Com muita relutância, emprestava-a, às vezes, a Renato, seu filho; mas sempre sob a promessa, deste, de tomar o máximo cuidado com a bicicleta e de, havendo o que houvesse sempre devolvê-la. Matias era, sim, por demais ciumento com aquela bicicleta.

E foi por causa dos ciúmes de Matias que seu filho, Renato, morrera. Não a entregara ao bandido que quis tomá-la quando, ao cair da noite, Renato dava volta à Lagoa, pedalando e chamando a atenção de todos pela elegância com que, juntos, ele e aquela bicicleta - linda! - se apresentavam, como se em uma espécie de ritual de beleza e leveza que se estabelecia nas suaves pedaladas do jovem, rico e feliz. Mas Renato morreu e, segundo as duas

testemunhas que se apresentaram à polícia, a bicicleta fora roubada e levada pelo ladrão homicida.

Armando tinha cinco anos de idade quando vira aquela bicicleta pela primeira vez. E se apaixonara por ela. Perdidamente. Foi em uma manhã ensolarada quando, junto com seu irmão mais velho, pescavam no Lago de Javari, em Miguel Pereira, no estado do Rio de Janeiro. Um homem que trajava um uniforme azul escuro passara pedalando. Que bicicleta linda! Armando jamais a esqueceria.

Dez anos mais tarde, Armando recordava-se daquela manhã em Javari. Acordara, anestesiado, no hospital municipal de Miguel Pereira. Havia, sim, reencontrado a sua tão desejada bicicleta, tantos anos depois – reencontrou-a, adquiriu-a, e fora atropelado quando a pedalava. Ele estava se dirigindo à loja R. W., para comprar um balde para uso de concreto. Estava descendo, sem freios, pela rua de paralelepípedos que desembocava na estrada de asfalto, bem em frente à R. W., quando, da rua perpendicular, saiu aquele carro, sem avisos e sem advertências, e Armando simplesmente colidiu com o carro, sendo arremessado por cima dele. Quebrara a vértebra. Ficara tetraplégico, e por todo o

restante tempo de sua presente existência, jamais andaria novamente, nem a pé e nem de bicicleta.

* * *

Rute sempre sonhara em morar em Geribá, mesmo que fosse em um local não muito próximo ao mar. E sonhos podem se tornar realidade bastando, para tal, sonhá-los e – claro! – realizá-los. E foi em 2005, depois de muito esforço pessoal, seu e de toda a sua família – de seu marido, Paulo e, também de seus dois filhos, Laura e Tomé – que Rute pôde morar, com a família, em Búzios – neste lindo balneário do estado do Rio de Janeiro.

E já havia dois anos que eles lá moravam em uma simples, mas acolhedora casa feita de pedra, madeira e vidro – justamente a casa que Rute sempre idealizara por toda a sua vida. Ah! Sonhos dourados! Como é bom tê-los! Como é bom vivenciá-los!

Mas foi em uma manhã de uma sexta-feira, manhã fria e nublada, em que chuviscava uma chuva triste, que a campanha soou na casa de Rute e de sua família.

— A esta hora, hoje? Quem seria? E Rute foi atender a porta, mas sentia-se apreensiva.

— Rute! Bom dia! Sou eu, Rubens, seu vizinho da casa da frente!

A porta de entrada da casa de Rute ficava a cerca de vinte metros do portão que se abria para a rua, e o Rubens gritara assim que ouviu Rute abrir a porta da frente. Sabia que era ela, pois sempre era ela quem vinha atender ao portão a todos que fizessem soar a campainha.

— Bom dia, Rubens! A que devo esta honra, a esta hora da manhã?

— É o seguinte, Rute: não sei se vocês repararam, mas desde ontem de manhã que alguém deixou ou esqueceu uma bicicleta aqui do lado de fora, em frente a sua casa. Por acaso a bicicleta é de alguém daí?

— Não! Daqui, não é! Estou vendo as duas bicicletas dos meninos, bem aqui!

E Rute abriu um pouco mais o portão e deu uma olhadela. O Rubens estava de bermuda amarela e chinelo. A bicicleta? Bem, parecia ser bem antiga, embora parecesse bem cuidada e em bom estado de conservação.

— Não... não é daqui, não.

— Bem, Rute, vou pegar esta bicicleta e, se por acaso aparecer alguém procurando por ela, diz que está lá em casa, e que a peguei só para guardar, ok?

— Tudo bem, Rubens! Bom dia para você!

Que achado! Uma BSA! Parecia ser da década de 50! Uma BSA - uma Birmingham Small Arms! Uma

Paratroopers! Linda! Linda! Veterana da Segunda Guerra!
Com certeza, esta é boa de briga!

O Rubens sempre fora apaixonado por bicicletas antigas! Ainda mais uma veterana da Segunda Guerra! Que coincidência! E o que seriam aqueles vestígios de antiga incrustação - CW & JS? E quem abandonaria uma raridade dessas, assim, do nada?

— Bom! Quem se importa com coisas inexplicáveis, enfim?

E foi assim que o Rubens morreu. Andando de bicicleta, em uma manhã chuvosa de uma sexta-feira. Caíra e quebrara o pescoço. Rute, ao saber do ocorrido, naquele mesmo dia, achou por bem não comentar com quem quer que fosse a sua conversa, sem testemunhas, com o falecido. Parecia temer. Poderia ser a próxima a cair de uma bicicleta...

Hoje, já em 2012, Afonso sempre que passa defronte a loja de bicicletas usadas, em Juiz de Fora, sente uma estranha atração e um quase irresistível desejo – o de adquirir e possuir aquela bicicleta. Que coisa estranha! Parece, até mesmo, que sua pele toda se arrepia. Ele até sente, sim, calafrios. Os pelos de seus braços se eriçam.

Mas algo dentro dele parece adverti-lo – Cuidado, amigo! Não te abeires deste precipício! Esquece essas vertigens que agora sentes! Muitos já sentiram o mesmo! Mas, esquece-os, mesmo! Pois, às vezes, o desejo incontido, pelo consumismo, traz, às escondidas, de dentro do recôndito da alma, muitos possíveis perigos!

E quem poderia, ao certo, saber, meu amigo, de onde vêm esses arrepios que surgem furtivos, repentinamente, e sem quaisquer aparentes motivos? Esses que nos incitam a fazer determinadas coisas que parecem possuir um apelo irresistível? Entende o que digo, amigo?

Pois, às vezes, sopra um vento frio e sentimos um enorme desejo de sair correndo, de cara ao vento, e correndo e correndo, e pedalando e pedalando, e rumando e seguindo, e indo, sim, em direção certa e precisa a qualquer desconhecido infindo, mas indo e indo, assim, como que ao encontro de nosso próprio destino.

Ninar

Lara Lice Signorette

Já era noite. Ela imergia e submergia com seus pensamentos perdidos em nébula. O único som era o da agulha arranhando o disco na sala vazia, cheia da luz quente de velas tremulantes.

— Mamãe? - A voz aguda, quase estridente vinha da pequena silhueta que aparecia à porta contra a luminescência das chamas.

— Mamãe... - choro em angustia infantil acompanhavam as palavras de alarme.

— Entre meu filho.

O projeto de esqueleto infantil, pálido de olhos fundos e escuros esquívou-se para a poltrona junto da mulher. Defronte, um para o outro, se olhavam. A dália negra e o pequeno pássaro esquálido

— O que foi?

As mãos da criadora e da criatura encontravam-se, ossos, pele, sangue, troca de calor por mãos gelidamente cândidas.

— Não durmo, não descanso - as lágrimas vertendo com tamanha força que pouco faltava para verterem vermelho. - Não como, nem mais acordo. Por

favor, mamãe! Me ajude! - Em meio aos soluços de agonia, debruçou-se no colo materno, *pietã* da escura noite. - Eles nunca vão - sussurrava - estão sempre aqui. Por favor, mamãe, não quero mais...

Ela levantou o menino de seu colo. Seus olhos se encontraram na mesma altura. Ele atemorizado, ela serena passava as mãos pelos cabelos desgrenhados do pequeno filho amaldiçoado, que soluçava baixo e ofegante.

— Está bem meu menino - sua voz era calma e seus frios dedos acariciavam toda a cabeça infantil. - Vai ficar tudo bem - o acalanto acalmara o garoto. Um carinho com o polegar direito na face singela. Mãos no queixo e na nuca pueril. - Amo você meu filho. - O estalo fatal, a cabeça da criança agora observava o lado oposto da sala, feito coruja, contra o sentido de seu corpo. O último suspiro e o pequeno infante pendia com todo seu peso rumo ao chão. Total silêncio minueto, a mãe acolhendo-o nos braços, abraço da dama funesta. Já devia ser meia noite.

Colocou o corpo falecido no divã e deu-lhe o beijo na testa. Boa noite. Arrumou a agulha que não mais arranhava o disco para que a sinfonia recomeçasse. Apagou as velas - “Boa noite, meu filho”. - Fechou a porta e trancou-a pelo lado de fora.

A Incessante Sede de morte sombria

Giórgia Neiva

Era noite de dia das bruxas e o clima não poderia estar mais favorável para essa data, uma vez que a chuva de trovões tomou conta de Reino Místico, cidade turística bastante visitada no inverno e na primavera. Anne Blackrose já estava fantasiada quando recebeu uma mensagem de texto de seu noivo, Alex Rodney, comunicando-lhe que iria se atrasar alguns instantes, porém em pouco tempo estaria na porta de sua casa para irem juntos ao último dia da Festa da Magia, festejo tradicional realizado pela elite da cidade em que moram. Tradicionalmente, a festança sempre acontecia no Castelo das Riquezas, localizado geograficamente no alto da Colina do Mirante, ao leste do município de Reino Místico.

Anne observou as horas e imaginou que chegariam para a festa mais tarde do que o previsto, com o anúncio do atraso de Alex. Contudo, na impossibilidade de tomar qualquer outra atitude, encostou-se ao sofá da sala para ler um gibi de super-heróis, para se distrair enquanto aguardava seu noivo.

O cansaço com os afazeres do dia foi tamanho que, de forma sonolenta e arrastada, leu apenas algumas páginas do gibi. Surpreendeu-se com a chegada

inesperada de Vladimir Dragon, homem grisalho levemente barrigudo e expressão dura no rosto. Inicialmente, não o reconheceu, contudo não bancou a indelicada e não quis enchê-lo de perguntas sobre os motivos que levaram Alex a enviar um funcionário da empresa para buscá-la para festa, afinal a distância até o festejo seria longa para perderem tempo com pormenores.

Na verdade, chegar até o local não era tão difícil, mas era muito pouco visitado durante o restante do ano por causa das lendas contadas há séculos sobre o lugar. Diziam os mais antigos que nesse castelo toda a família Wolf faleceu sob ataque da guerra travada contra cristãos, no século XIV, tornando o espaço amaldiçoado. O cenário também contribuía para manter o falatório de que fantasmas e zumbis eram vistos pelas redondezas, uma vez que se tratava de um castelo cercado por uma floresta soturna, praticamente isolada.

De toda maneira, a Festa da Magia era bastante conhecida e popular, por isso mesmo anualmente recebia praticamente todos que moravam nas redondezas nos quatro dias de festejos. Anne recebera convite especial para participar do festejo no camarote imperial. Não estranhou o convite, uma vez que seu noivo era funcionário da Empresa Stafford, patrocinadora da festa.

Quando chegaram à Festa da Magia, Anne e Vladimir foram levados ao camarote imperial, que é a área

mais alta e chique do Castelo das Riquezas e lá estavam os poderosos, homens e mulheres com grande prestígio social e financeiro. Era perceptível a qualidade das fantasias, algumas feitas por estilistas tão requisitados quanto caros. *Buffet* farto, repleto de comidas e bebidas das mais variadas e sofisticadas, jogo de luzes perfeito para tom intimista e sem perder a característica dançante para boa proposta de festejo.

Vladmir Dragon pegou uma taça de vinho para Anne Blackrose e entregou a ela com olhar fixo em sua boca. Ela cheirou por cima da borda da taça e questionou:

— Qual a safra do vinho? O cheiro dele tem um gosto saboroso. É tão bom que é possível degustá-lo sem antes bebê-lo. Estranho... Alguma notícia de Alex?

— Ele não deve demorar a chegar, não se preocupe.

— Alex não me mandou nenhuma mensagem... Hummm! Que delícia de vinho!

Vladmir sorriu e propôs um brinde sem proferir uma única palavra, usou apenas a mão como fonte de comunicação. Anne tragou mais uma dose do vinho e percebeu seu gosto forte, tão destilado que era quase apimentado, mas sutilmente doce. Não por conter açúcar, mas por aguçar o paladar para sabores da natureza.

— Não sei definir o prazer que sinto com este vinho. É quente, mas está frio. Não sei explicar, é uma explosão de sabores – disse Anne.

Antes que Vladimir pudesse compartilhar qualquer percepção pessoal sobre o sabor, Mark Lee, presidente da Empresa Stafford, interrompeu a intimidade deles para cumprimentá-los.

— Ora, ora, Vladimir, bom trabalho em nos trazer nossa convidada especial! Finalmente, conhecerei a tão bem-falada e futura senhora Rodney – disse com voz macia, mas irônica.

— Ah, perdoe-me, senhor Mark, aguardava a chegada de Alex Rodney para ele apresentá-la para os colegas, mesmo porque notei que Anne é um tanto tímida. Preferi deixá-la mais à vontade – sem constrangimento, Vladimir Dragon tentou ser simpático com seu chefe.

— Encantado – Mark Lee beijou delicadamente a mão de Anne Blackrose que, acanhada, apenas sorriu envergonhada.

— A festa está muito bonita, senhor Mark – Vladimir tentou quebrar o clima desconfortável que se instaurou com o olhar penetrante do chefe para a noiva de Alex.

— Aproveitem! – ele respondeu se retirando para seguir cumprimentando os convidados.

— Quer mais vinho? – com certa preocupação, Vladmir encheu as taças de mais vinho e verificou o relógio de pulso.

— Com medo de ficar bêbada, mas não vou me negar a mais uma tacinha! Por gentileza, depois me passe o nome da safra e obrigada por ser tão gentil comigo, Vladmir – agradeceu Anne.

— Hoje é dia de festa, minha querida. Hoje você pode tudo, inclusive se embebedar de vinho, de dança e de alegria.

A cada gole, Anne se sentia mais solta, sorridente e como se estivesse flutuando de tão leve. Com isso, de forma serelepe correu para a pista de dança e rodopiou entre os convidados, que sorriam para ela como se fosse um ingresso de boas-vindas. De longe e encostado no peitoril da mais bela vista do castelo, Vladmir Dragon observou a situação tragando o quinto cigarro da noite. Era inegável fingir que não sabia o que iria acontecer com Anne, uma vez que ele já passara pela mesma ocorrência. Pensou em tirá-la de lá, salvá-la da beirada do abismo, mas sempre soube que no momento em que aceitou ir buscá-la para a festa, seria um caminho sem volta. O combinado era esse: mais uma vítima, mais uma *carne fresca* de Mark Lee.

Por sua vez, Anne acreditou ter alucinações, posto que o semblante das pessoas para ela adquiriu palidez

inegável e inequívoco contorno de deformação e monstruosidade. Ela escutou incessantes uivos de lobos e rosnados de animais prontos para o ataque.

Ela sorriu e disse para Mark:

— Acho que vou parar com o vinho, já estou ficando bêbada. Ponho meus olhos no senhor e posso jurar que seu dente cresceu de tamanho! – esfregou as mãos nos olhos e, com o pescoço exposto a Mark Lee, não percebeu que os caninos cravados em sua jugular eram do chefe de seu noivo.

A música cada vez mais alta e forte em seus ouvidos, os sons disformes e desconexos, os uivos inebriantes, as risadas frenéticas das pessoas em círculo observando o ataque feroz de Mark, fizeram com que Anne sentisse sua alma se descolar do corpo. O desmaio que sofreu adquiriu formato sádico, já que os vampiros convidados para a festa aproveitaram esse momento de desfalecimento da vítima para chupar seu sangue, mordendo-a em todos os lugares possíveis.

Em clara covardia, Vladmir viu tudo acontecer de longe. Até que a sede incontrolável por sangue o fez rapidamente atacá-la também. Sentiu a doce pulsação de Anne quase chegar ao fim quando ouviu a voz alta e autoritária de Mark Lee:

— Chega! Afastem-se dela!

Em gesto veloz, Mark abriu a boca de Anne Blackrose e deu mais uma taça de sangue para ela beber. Quase desfalecida, confusa, delirante, ela tomou tudo atestando que a sede já fazia parte de seu corpo.

— Quero mais *vinho* – ela disse com olhos arregalados, respiração ofegante, musculatura enrijecida e sentindo-se um animal pronto para o ataque.

— Com certeza que sim, meu anjo. Tragam mais uma *carne fresca* – Mark riu irônico, satisfeito com o prenúncio de mais uma morte sombria para o nascimento de nova criatura das trevas.

Os vampiros do clã gargalharam alegres e cruéis abrindo espaço para que um desconhecido ser humano previamente hipnotizado caminhasse até Anne para que fosse consumido até a morte.

Antes que Anne pudesse beber mais sangue, se contorceu nos braços de Mark, causando leve apreensão em Vladmir, que preferiu fechar os olhos para não ver o restante do que estava por vir. Ela gritou de dor e de prazer quando os caninos lentamente cresceram em sua boca, as unhas triplicaram de tamanho, os olhos mudaram de cor bem como a cor de pele, que tornou-se mais opaca e sem vida.

Levantou-se do chão como uma rainha e em golpe célere cravou os dentes na jugular do infeliz hipnotizado. Com a falta de prática, o sangue escorreu no pescoço do

rapaz e Anne lambeu a pele da presa como quem comete a feiura de literalmente lambar o prato.

Mark Lee sorriu satisfeito com a nova cria. Tocou no ombro de Anne e lhe fez sinal que parasse de chupar o morto:

— Você deve se alimentar somente enquanto há pulsação, doce criança. Sangue de carne morta não faz bem para nós...

— Eu quero mais! – gritou Anne ainda com sede de sangue. Colocou as mãos no rosto que ardia gélido e simplesmente desmaiou. O mundo girou como roda gigante e ao longe ouviu a voz de seu namorado, que insistia para acordá-la.

— Anne, meu amor! Anne, acorda, Anne! – há 20 minutos Alex persistia para que Anne, deitada no sofá com o gíbi em mãos, acordasse para irem à Festa da Magia.

— Oi? Alex, é você? O que fazemos aqui?? Não estávamos na festa? – ela acordou atordoada percebendo-se no sofá de sua casa.

— Meu amor, estamos muito atrasados para a festa. Desculpe-me por fazê-la esperar tanto, porém você dormiu e deve ter sonhado com algo muito estranho, porque... ah! Esqueça! Vamos? Com alguma sorte, pegaremos o momento dos fogos de artifício.

— Você também foi chupado por Mark Lee? Virou um vampiro? Não ouse mentir para mim! – Anne se lembrou de tudo que acontecera *no sonho*.

— Ainda está sonhando, meu amor? Mark Lee, quem é esse? De onde tirou essa ideia maluca de vampiro? Ora, o que é isso, uma brincadeira? – disse Alex afastando-se da noiva com semblante visivelmente irritado.

— Mal sabe você que a *brincadeira* vai começar agora – triunfante e cruel, respondeu Anne mostrando os avantajados caninos para seu amado noivo.

O ônibus escolar

Guilherme Hernandez Filho

Aquele trajeto já me era bem familiar. Passava pela estradinha duas vezes por dia, uma na ida e outra na volta: era o caminho da universidade. Eu morava na vila distante, quase vinte quilômetros do campus. Estudava no período noturno e as aulas terminavam às onze horas, quando eu pegava o último ônibus de retorno, um ônibus escolar. Os poucos colegas iam descendo em seus pontos e eu era o último, que ainda continuava, por um longo percurso.

A estrada não era de todo ruim e, embora atravessasse trechos de terra, era segura. Cercada por mata alta dos lados, com árvores, mal deixava passar um veículo por vez, mas o movimento àquela hora era nenhum.

O motorista na maioria das vezes era o mesmo, já meu conhecido, mas não naquele dia. Este me pareceu um camarada um tanto lúgubre, magro, rosto pálido, olhos icterícos, e boca de lábios finos, exangues. Usava o uniforme, que aparentava serem dois números maiores que o seu, de forma bastante desleixada, com a camisa para fora da calça. Fui lendo para me distrair e brevemente só estávamos eu e ele em viagem.

Pelas tantas diminuiu a marcha e encostou à margem, numa entradinha de um caminho, e parou. Reparei que me observava pelo retrovisor. Eu ocupava uma cadeira mais central, a uma boa distância dele. Abriu a porta da frente, levantou-se, olhou para mim e desceu. Imaginei que ele precisasse se aliviar e não prestei mais atenção ao fato, continuando com minha leitura.

Passados uns dez minutos, como ele não voltasse, resolvi dar uma olhada no que acontecia. A porta do veículo estava aberta, a noite era escura e chovia. Tudo que se podia ver lá fora era à luz de algum relâmpago. Desci e percebi no ar um doce cheiro de jasmim, misturado a um horrível fedor de carniça. Forcei minhas vistas, mas nada se mexia ao redor. Ao próximo raio notei que a entradinha levava à necrópole local. Retornei para dentro do ônibus e fechei a porta. Olhei no contato e não havia chave. Eu estava só e nem sombra dele.

Não sabia o que fazer. Estávamos a três ou quatro quilômetros da vila, não me arriscaria em caminhar.

As luzes internas ainda pareciam resistir. Dei um giro pelo corredor olhando pelas janelas, mas não distinguia coisa alguma ao redor e a cada minuto eu ficava mais preocupado.

No relâmpago seguinte observei uma figura em movimento, em meio à mata. Seria o condutor? Fixei os

olhos. Lembrava mais um animal grande, não uma pessoa, mas rapidamente sumiu da vista.

Percebi que eu tremia num misto de frio e medo. Era uma situação inusitada e difícil. O tempo passava e pensei que talvez dessem por nossa falta e viessem nos procurar. As luzes começaram a piscar e enfraquecer, indicando que logo se apagariam. Já estava ali há umas duas horas. Finalmente era tudo escuridão e trovões. As sombras eram assustadoras e eu jurava ter visto vultos saindo do cemitério.

Senti um contato em meu pé e chutei, acompanhado de um grito. Ouí um miado de dor e me pareceu que fosse um gato, ali. Mas por onde teria entrado? Será que estava escondido em algum banco? Escutei barulhos lá fora e fui espreitar. Tudo parado, somente o vento balançando as árvores e o mato. De repente vultos ao clarão. O que seria, ou quem? Não me mexi na janela, para não chamar a atenção. Eles passaram em direção à entrada do cemitério, sem que eu conseguisse distinguir do que se tratava. Seria real ou imaginação minha? Era desesperador, que ação tomar?

Continuei sentado naquela poltrona do meio, muito receoso: parecia ter ouvido ruídos na fileira de trás. Olhava e não via nada. Muito escuro.

Cada vez mais eu estava alerta, músculos retesados, pronto para agir, com o que quer que

acontecesse. Se eu sentisse um bafo no meu pescoço teria um enfarte, e esta passou a ser minha preocupação, com a pulsação disparada e eu suava. Encolhi-me todo, praticamente em posição fetal, ocupando dois bancos. Não tinha mais coragem de colocar os pés no chão e de repente sentir algo agarrar meu pé.

Fiquei assim por um longo tempo, e acho que cochilei. Quando abri os olhos novamente já havia claridade. O sol já tinha nascido e dissipava a névoa que ficara da noite chuvosa.

Claro que consegui voltar para casa, mas do estranho motorista nunca mais se soube.

Alguém quer carne de charque?

Edih Longo

Não sei precisar o que exatamente me ocorreu quando ouvi esta história a primeira vez, mas o fato é que o Jonas nunca mais apareceu na Vila Sampaio e nem em lugar algum em São Paulo.

Quando Margarete Maria apareceu no consultório do Dr. Kars para uma consulta de rotina, ele mandou que preparasse o enxoval da criança. Menina ingênua do interior das Minas Gerais, enquanto levava uma surra da mãe pelo desvario da empreitada, jurava que só tinha se encostado um ‘cadinho no Joninhas.

A mãe, Dona Zefa das Docas, nome herdado dos tempos que vivia no porto de Santos, lamentou ter voltado para aqueles cafundós, apesar de estar situado próximo à Capital do Estado mais progressista do País. A vida só existia ao redor da Vila. Eram os de lado de cá e os do lado de lá, parecendo o Brasil que alguns cismam em dividir.

Em Santos, sentia-se mais gente. Lá, pelo menos, deitava-se com variadas ceroulas, mas não queria este destino para a única filha que, pelos inúmeros traços diferentes do seu, nem ela mesma sabia quem era o pai.

Margarete Maria foi ficando triste, enquanto a barriga lhe encurtava a saia. Os olhos viviam presos no começo da rua. Todos os dias, levantava-se às seis horas para fazer o café da manhã para ela e a mãe e, barriga abaixo, iam fazer faxinas nas casas dos fazendeiros ou de alguns negociantes.

A vizinhança logo se acostumou com o sumiço do Jonas. Claro que tinha se debandado para não assumir a paternidade indesejada. E nunca mais se tocou neste assunto. A criança seria filha de ninguém como a própria mãe.

Quando o menino nasceu, o Dr. Kars gritou:

— Esperem que tem mais um! Meu Deus, acho que são mais dois!

Como desgraça de pobre é passatempo de telenovela, Margarete Maria se viu rodeada de mais dois rebentos. Um menino e uma menina. E lá estavam os três ratinhos, tão pequenos que eram, à espera de uma acolhida mais simpática do que a choradeira que deu na Dona Zefa das Docas e na Margarete Maria. O que fariam?

Mas pobre também sabe ser solidário e todos se cotizaram para aumentar o já diminuto enxoval preparado para um só. Foi uma correria dos diabos, quero dizer, dos deuses, pois até Padre Juvenal saiu à procura de ajuda junto às comadres rezadoras e as carolas de plantão.

E foi então que, quando seu Joaquim da Venda foi nos quartinhos do fundo do seu estabelecimento comercial procurar umas latas de leite para doar para as crianças; pois o leite da mãe não estava conseguindo suprir a fome, ele ficou surpreso ao encontrar uma mala até então desconhecida.

Não era muito frequente a sua presença no local, pois só guardava material de grande durabilidade e, na verdade, de pequena procura pela pobre coletividade da Vila. De vez em quando, a empregada fazia uma faxina, mas como sempre, era muito desligada e não se dera conta da intrigante mala marrom jogada atrás de umas prateleiras de latarias.

Bem, na verdade, o local era bem escuro, mas seu Joaquim tinha certeza de que aquela mercadoria não lhe pertencia. Depois de muito hesitar, tirou a tal mala de trás das prateleiras. Pesava muito e no local em que estava percebeu que tinham nódoas escuras no piso cimentado do armazém. Aquilo o intrigou mais ainda. Tentou abrir a mala, mas a fechadura estava emperrada.

Foi procurar ajuda com os amigos que bebiam no pequeno bar que abriu na parte da frente do armazém para arrecadar mais alguns reais. Quando conseguiram abrir a mala, todos recuaram com medo.

Vários pedaços de carnes encharcados de sal grosso rolaram mala a fora. Largaram tudo ali mesmo e

foram procurar o Delegado local, pois seu Joaquim jurava que toda a carne de charque que comprava ficava às vistas dos clientes, jamais no depósito. Aliás, ele comprava em pequenas quantidades, pois eram muito caras.

O Delegado olhava para aquele amontoado de carne e olhava para seu Joaquim que continuava jurando firme o que já dissera. Foi chamado um especialista de Belo Horizonte, depois que ninguém se atrevia a acreditar que aquilo fosse carne bovina.

O legista mexeu em todos os pedaços e sentenciou solenemente:

— Mesmo sem fazer quaisquer análises, afirmo que esses pedaços são humanos.

— Humanos?!

A gentalha que estava acerca do pretense *de cujus*, instintivamente, colocaram as mãos nas narinas. Mas, chegando mais perto, não sentiram nada. Por que o defunto não fede? Foi a dúvida de todos, evidentemente.

— Quem fez o trabalho conhecia a técnica de fazer carne do sol ou charque. Vejam: sal grosso. Isso evita o fedor.

Depois de algumas pesquisas locais, chegou-se à conclusão de que o único habitante desaparecido era o Jonas, mas ele tinha um motivo especial: fugira da paternidade excessiva, o safado!

Então, quem seria o pobre defunto?

A polícia, depois de dois meses de espera para que o próprio fosse enterrado como todo cristão tem que ser, ficou pasma quando recebeu um relatório dizendo que não tinha como identificá-lo, pois a cabeça fora decepada e com ela, os dentes; as mãos e os pés estavam cortados e, portanto, sem as devidas digitais, e também todos os pelos do corpo tinham desaparecido. Não tinha um fiozinho para se mandar ao exame de DNA. O sangue inexistente. Todas as partes foram muito bem lavadas antes de serem salgadas, como se faz a um animal. E como não aparecia nada parecido com o sexo masculino, poder-se-ia deduzir que seria uma fêmea... Bem, o único pedaço mais ou menos inteiro do corpo que aparecia, era o fêmur com pedaços das coxas e no meio delas não tinha nada.

Então, só podia ser uma mulher. E a estatura era feminina, pois média, se juntassem todos os pedaços, no máximo um metro e cinquenta centímetros.

Laudo feito. Corpo enterrado. Morte esquecida com o tempo, como todos somos.

Ninguém nunca entendeu porque a Zefa das Docas e sua filha Margarete Maria, apesar do acontecido no nascimento dos trigêmeos viviam felizes e, às vezes, até eram vistas às gargalhadas.

Exibiam as crianças com orgulho. De certa forma, estavam dando conta direitinho do recado que Deus lhes enviara. Tinham a ajuda e simpatia de todos.

Nem passava pelas suas cabeças, quaisquer arrependimentos pelo que fizeram. O cretino do Jonas quando foi procurado por ambas para saber da notícia da gravidez, além de mandá-las ao inferno, ainda duvidou que o filho fosse seu, pois a origem de Dona Zefa era conhecida de todos. Quem sai aos seus não degenera a raça, foi o que afirmou com os dentes à amostra. Então, no meio de uma discussão acirrada, ambas o mataram e como moravam a quilômetros do centro da pequena Vila, fizeram toda a operação já descrita com a maior calma do mundo.

Quando ele já estava devidamente charqueado ou encharcado, Dona Zefa, como boa faxineira que nunca perdia um dia sequer de trabalho, tranquilamente o encerrou atrás das prateleiras. Foi levando os pedaços aos poucos para não chamar a atenção. Como era ela quem fazia a limpeza nos fundos e levava a mercadoria quando seu Joaquim precisava, ninguém percebeu nada.

Ela ganhou a mala de outra patroa para que guardasse o enxoval do rebento e sorrindo comentava com a filha que a mala serviria para guardar os restos do escroto do pai dos meninos, enquanto não fosse vendido.

Tivera o devido cuidado de pintar a mala de marrom, pois se escorresse algum sangue, ficariam da mesma cor ou se a patroa tomasse tento da mesma, nem desconfiaria, pois a cor original era amarela. Diariamente, ela a checava e ria até às lágrimas pela facilidade da operação.

Prestimosa empregada e amiga, sempre ajudava seu Joaquim no balcão, quando o pessoal, ao retornar das fazendas, fazia o *happy hour* caipira. E assim, oferecia graciosamente a carne de charque já frita aos clientes do bar, onde pegava os pedaços do Jonas que tinha enfiado no meio das outras e vendia primeiro.

O Joninhas virou tira-gosto regado à cachaça e papo-furado e, ao invés de ter gente para pranteá-lo, chorando de saudades, tinha para chorar de rir, pois as piadas fluíam lépidas. E os homens ainda elogiavam aquela carne macia. Não estava de bom tamanho? Ele tinha mais era que se orgulhar por ser tão útil!

— E então, alguém mais quer carne de charque?

E assim, depois de algum tempo, restou apenas os pedaços encontrados por seu Joaquim. Fosse um cadinho mais tarde a descoberta, teria vendido o Jonas bem mais rápido. Mas, as coisas acabaram se encaixando. Jonas era um crioulo de quase dois metros de altura e, pelos pedaços já comidos por aí, a sua estatura diminuiu para

chuchu, pensava rindo internamente a destemida Zefa das Docas.

Comentava, como todos, que era um absurdo terem feito isso a uma mulher. Coitada! Devia ser de qualquer pequeno sítio das redondezas e que, infelizmente, nem todos os sítiantes eram conhecidos. Nem tinham como ajudá-los a pranteá-la. Dizia isso com uma indignação! Mas, a vontade do Senhor tem que ser respeitada, não é?

Depois, quem era o Jonas? Era tão sem importância que a única coisa de que todos se lembravam quando falavam nele é que tinha sido um crápula por abandonar uma pobre mãe sem qualquer guarida. Zefa se segurava para não gargalhar quando se lembrava da alegria do seu porco ao comer toda a panelada com os miúdos do Jonas, inclusive o sexo. Sua filha não saiu a ela, ô coisinha pequena! Como é que fez três filhos com aquilo? Ora, ao diabo!

Se há uma coisa que as pessoas do interior têm é paciência. Zefa das Docas e Margarete Maria eram exemplos da melhor qualidade disso. Fizeram tudo como se fosse um quebra-cabeça. Quietinhas como as mulheres e, principalmente, as mineiras têm que ser. Como se jogassem uma partida de xadrez. Com classe e silenciosamente.

Xeque-mate, Joninhas!

Confinado

Joaquim Bispo

Gregório começava a vir a si. No seu cérebro baralhavam-se as cores e os sons. Muito lentamente, começou a distinguir umas de outros, estes a tornarem-se mais agudos e aquelas a ganharem formas. Começava já a aperceber-se da diferença entre um vermelho carregado e um azul quase negro, que deambulavam na sua retina. Agora, chegavam outras sensações de dor e de frio, sem conseguir, no entanto, saber donde vinham elas. Durante longo tempo, foi tomando consciência de todo o seu corpo. As cores tinham-se desvanecido e acabado por desaparecer, restando agora um escuro persistente; dos sons ficara um zumbido; sentia muito frio, picadas por todo o corpo e uma dor intensa no temporal esquerdo. Tentou mexer os dedos, mas estes não obedeciam. Só então abriu os olhos, mas nada viu. Sobressaltou-se, temendo pela sua saúde. Era a primeira vez que esta ideia lhe ocorria e sentiu que o coração lhe batia com estrondo no peito. A custo, porém, conseguiu mexer o braço esquerdo, levando-o automaticamente a apalpar o temporal, que encontrou pegajoso e mole. Estava ferido, com certeza. Estranhamente, isso não o assustou. Sentia-se cansado e, por largos momentos, manteve-se quieto, absorto, semiadormecido.

Depois, começou a sentir curiosidade pelo que se passava consigo. Tentou recordar-se de qualquer coisa que fosse, e algumas recordações foram-lhe brotando no cérebro: «Sou homem, tenho trinta anos, uma filha, sou casado...». Num ápice, tudo se tornou claro. Estava deitado na sua casa de Lisboa e tinha de se levantar cedo, para ir ao Alentejo tratar de uns assuntos, a pedido do sogro.

Deu um esticão para se levantar, mas surpreendeu-se ao bater com a cabeça em qualquer coisa que estava por cima de si, o mesmo sucedendo aos joelhos, que estalaram ruídosamente. Ao mesmo tempo, a dor na cabeça tornou-se mais viva e presente e notou, com terror, que o braço direito se mantinha inerte e insensível. Moveu atabalhoadamente as pernas, o braço esquerdo e a cabeça e chegou à conclusão de que estava fechado numa espécie de saco-cama, porque tudo à sua volta era pano, a não ser uma pequena barra de ferro por cima da cabeça.

Gregório sentiu-se aterrado. Não percebia nada do que se passava consigo. Ter-se-ia posto a caminho do Alentejo e tido um desastre, estando agora entalado entre os assentos do carro? Não, isto parecia ser uma caixa. Para lá do pano, sentia-se a resistência de paredes rígidas. Teria sido assaltado no caminho, espancado e metido numa bagageira? Esta ideia pareceu-lhe plausível, a despeito de não se lembrar de nada que o levasse a esta conclusão. Estava, então, a ser raptado por uma quadrilha

que o espancara e iria pedir um resgate ao sogro? Nesse caso, onde estava agora?

Pôs-se à escuta, mas o zumbido monótono que ouvia, poderia ser apenas dos seus ouvidos. O ar também lhe pareceu insuficiente para os seus pulmões. Tentou, como pôde, empurrar o que o rodeava, mas apenas por cima sentiu indícios de cedência. Convencido de que era realmente uma caixa que o prendia, concentrou os seus esforços na tampa, empurrando-a com os joelhos e com o braço fiel — tentativa infrutífera que o deixou sem fôlego e da qual o coração se queixava, pelo esforço despendido. Socorrendo-se da réstia de lucidez que ainda não sucumbira ao pânico, rodou o corpo para a direita, tendo que encolher ao máximo os ombros para a frente. Depois, esticando o peito, notou que algo cedía com um gemido e esticou o braço, à procura duma frincha. Sim, lá estava uma pequena fenda da qual escorria algo frio e fluido. Cheirou. Pareceu-lhe cheiro de terra. Parou a ofegar.

«Lama?» — intrigou-se.

Pouco lhe importava. Tinha era que se livrar daquele pesadelo.

Lembrou-se da barra metálica. Puxou-a com violência e o que a prendia cedeu. Parecia ter a forma de um punhal. Fez nova tentativa de levantar a tampa e, lentamente, introduziu a lâmina do seu punhal na ranhura dolorosamente conseguida. Entrou mais lama, ou

lá o que era. A seguir, conseguiu deitar-se de borco e, apoiando a mão no punhal e as costas no teto, foi esticando o braço com toda a força do seu desespero. Lentamente, a tampa foi cedendo, entre gemidos de pregos desalojados e respiração ofegante. O estranho fluido viscoso alastrava pelo fundo onde estivera deitado. Finalmente, a resistência amainou e Gregório repetiu a operação ao nível da coxa, desta vez apoiando o joelho na providencial barra-punhal e ajudando-o com o dorso. Conseguiu, enfim, acocorar-se com a tampa às costas e o fluido a cobrir-lhe já os joelhos, mão e todo o ombro direito. Endireitou por fim o corpo, rodando a tampa. Inspirou sofregamente e olhou para fora, para cima.

Ao cair da noite, uma trovoadas estival abatera-se, subitamente, sobre a pequena aldeia alentejana. Nuvens negras, empurradas por algum vento de feição, tinham invadido o céu carmesim e principiado a descarregar abundantes bâtegas de água e relâmpagos. Quem podia abrigar-se largou o que estava a fazer e desapareceu para lá dos umbrais das casas sempre brancas. Meia dúzia de visitantes iniciou, contristada, a viagem de regresso a Lisboa. Por detrás das vidraças, tapavam-se metais, murmuravam-se orações e fechavam-se as portas de

dentro, para que as crianças, ao menos, não se assustassem com os relâmpagos. Procedimentos inúteis, porque os raios não poupam nada. Todos conheciam um ou outro caso em que trovoadas semelhantes tinham fulminado pessoas e animais, até em descampados. O ajudante do sacristão, que concluía as badaladas convencionais para a ocasião, galgou, com terror, os degraus da torre sineira, quando um raio quase o cegou, seguido dum estrondo que parecia fazer desabar a própria igreja.

No céu noturno, a lua minguante afagou-o com uma ténue claridade e Gregório olhou, a tentar reconhecer o que o rodeava. Viu a parede de terra húmida à sua volta, viu a lama a brilhar no fundo do seu caixão, descobriu que era um crucifixo o punhal que segurava, olhou o seu braço pendente, percebeu o seu fato negro. Com olhar vago, pôs-se em pé, escalou os bordos da sua sepultura e, absorto, contemplou as cruces, silenciosamente espetadas no chão do cemitério da aldeia do seu sogro. Ouviu trovões lá ao longe, viu as pás e as enxadas, subitamente abandonadas, mirou, novamente, o crucifixo com vestígios de fusão, provocada por um braço

de raio e apalpou a sua cabeça ferida pela queimadura de alta voltagem...

Recordou-se, então, dos avisos do seu médico, acerca dos perigos de acidente cardiovascular, para quem leva vida competitiva. Lentamente, passo vacilante, braço balouçando, encaminhou-se para a primeira casa da aldeia, onde uma família de camponeses, à volta da mesa rústica, engolia a ceia frugal, comentando os malefícios agrícolas de uma chuvada fora de época.

O livro

Evandro Valentim de Melo

Esquisita, adjetivo comumente atribuído a Camila. Não cultivava amizades. Repele quem tenta se aproximar. A turma da escola resolveu ignorá-la. Compartilham o mesmo espaço, mas ela se tornou invisível, camuflada no vasto deserto de sua voluntária solidão.

No intervalo das aulas, a movimentação era intensa. Mauro e Fábio, dois amigos muito próximos, aguardavam na fila do *foodtruck* de hambúrgueres artesanais.

— Olha lá a esquisita. Sempre só.

— Sinto pena, Mauro. Certamente, há alguma explicação para ela ser assim.

O cheiro dos hambúrgueres torturava. Em breve, a campanha para retornar às aulas seria acionada. Os amigos imploravam aos céus para dar tempo.

Contagem regressiva: 10, 9... A fila diminuía; 8, 7... Faltavam apenas dois; 5, 4... Fábio recebia seu hambúrguer; 3, 2, 1... O sinal. Enquanto Mauro era pura frustração, Fábio devorava o hambúrguer com avidez, rápido como quem furta, para não dividir com o amigo.

— Ei! - Mauro foi chamado pelo atendente do *foodtruck*. Tenho um hambúrguer pronto. Você tem chance de ganhá-lo de graça.

— ‘Tá’ me zoando? Perguntou Mauro.

— É sério. Você não sairá de mãos vazias. Dependerá da sorte: cara, você ganha o hambúrguer; coroa, ganha este livro. Topa?

— Claro!

— Coroa. É um livro especial. Você desejará terminá-lo o mais rápido possível.

Manhã de sábado. Mauro chegava à casa de Fábio com o livro em mãos.

— Terminei. Lembra do que o cara do *foodtruck* disse? Quis terminar logo. É uma arrepiante história de terror.

— Sem “spoiler”.

— Nem pensei. Vamos ao futebol?

— Demorou!

À noite, o livro estava sobre a cama de Fábio, mas e a coragem? Morria de medo de histórias de terror. Jamais contaria isso a Mauro...Pensou em ler algumas páginas, apenas para comentar com o amigo. Depois, o livro seria esquecido.

“Ler ou não ler? Eis a questão. O que é isso, companheiro? Só umas páginas. ‘Independência ou morte!’”. Iniciou:

“Magno de nada se lembrava. Percorria uma vereda margeada em ambos os lados por densa mata. Era fim de tarde. Avistou uma cabana e acelerou os passos. Parecia abandonada. A noite, em breve, a tudo cobriria. Empurrou a porta. Ela se abriu...”.

‘Basta’ - pensou Fábio, ‘Já posso dizer que li’. Apagou a luz. Ouvia um baque. Iluminou o quarto. O livro caíra; com preguiça, apagou a luz. O livro se debatia. Ligou para Mauro:

— Qual é a desse livro?

— Sabia que você ia ligar. Ele tem vida própria. Esquisitices ocorrem todo o tempo.

— E só agora me diz?

— Eu não podia contar antes, caso contrário, coisas ruins aconteceriam à minha família.

— Amigo da onça.

— Você deverá fazer o mesmo quando terminar de ler.

Fábio retomou a leitura:

“... O interior da cabana em nada lembrava seu aspecto externo. Magno titubeou. ‘Estranho, por fora,

parece abandonada, por dentro, um lugar acolhedor'. O breu noturno se apossou do dia. Ao redor, ouviam-se os ruídos característicos de predadores em luta com suas presas. Magno não fazia a menor ideia de como chegara àquela floresta. Da janela da cabana, só se via escuridão, já os ruídos, eram claros e aterrorizantes. Magno encontrou frutas maduras na cozinha. Sem se recordar quando havia comido pela última vez, serviu-se. Voltava, com frequência, à janela, na expectativa de que alguém chegasse. Lutava contra o sono. Molhava o rosto e andava de um lado para outro. Sentou-se ao lado da porta”.

Fábio virou a página e dela constava: “agora durma”.

Acordou com o despertador do celular. O livro, ao lado, parecia insuspeito.

— Aquele livro é muito louco! - Disse Fábio a Mauro.

— E perigoso! Não fale sobre ele com ninguém, certo?

— E o que acontece se eu falar?

— Comigo foi assim: era bem tarde, mas eu não podia parar a leitura. Meu pai estranhou e quis saber o que eu lia. Fã do gênero terror, ele pediu pra ver. Ao se aproximar, minha mãe gritou. Corremos ao seu encontro. Ela sentia fortes dores no peito e respirava com muita

dificuldade. Meu velho levou-a imediatamente ao hospital. Fiquei superpreocupado. Horas depois, por telefone, meu pai disse que ela estava bem.

— Acha que foi o livro?

— Logo que meus pais saíram, ele estava aberto ao meu lado. Na página dizia “ainda duvida?”. Fábio, não comente com ninguém. As consequências são sempre para nossos familiares.

A leitura prosseguiu.

“... A claridade invadiu a cabana. Magno despertou. ‘Vou dar o fora daqui’. A porta não abriu. Tentou a janela. Travada. Magno arremessou uma cadeira a fim de quebrar-lhe os vidros. Ela ricocheteou e o atingiu. ‘O que está acontecendo aqui? Por que não me lembro de nada?’”.

A mãe de Fábio viu a luz pela fresta da porta.

— Você deveria estar dormindo. Já é tarde.

— Matéria de prova, mãe. Está tudo certo.

Na manhã seguinte, em prantos, Camila batia com força à porta de sua casa. Tinha de se controlar. Detestava chamar atenção dos curiosos.

Absortos, a caminho da escola, Fábio e Camila trombaram.

— Desculpa. – Disse Fábio desconcertado.

Olharam-se. Camila tornou a chorar e afastou-se apressada.

Fábio matutou: ‘talvez eu pudesse ajudar, mas ela já havia ligado o campo de força que repele qualquer um que se aproxime’.

No intervalo, Camila o procurou.

— Vim pedir desculpa, Fábio. Estou com problemas na família, mas vai ficar tudo bem. Daqui a pouco tudo se resolve.

À noite, Fábio pretendia estudar para a prova. O livro de terror caiu-lhe aos pés. ‘Esta noite não, tenho prova amanhã’. Fábio colocou o livro sobre o criado. Ouvia o som de algo a se quebrar. Saiu do quarto e deparou-se com sua mãe, encostada à parede. Ao chão, cacos de um jarro espatifado.

— O que houve, mãe?

— Fiquei tonta e esbarrei no jarro.

Fábio enlaçou a mãe, levou-a até o quarto dos pais e a deitou.

— Obrigada, filhão. Não me sinto nada bem.

De volta ao quarto, no livro, a seguinte mensagem: “não me desobedeça!”.

“...Magno descobriu uma porta disfarçada no piso. Um porão? Abriu-a e foi sugado para seu interior.

Despertou confuso, no quarto da cabana, corpo cheio de arranhões. Ergueu-se. Caminhou até um guarda-roupa próximo. Em uma das portas, havia um espelho. Mirou-se. “Deus do céu, estou careca!”. Aproximou-se para se ver melhor. Tentou pôr a mão na porta do móvel. Desequilíbrio-se e caiu. O espelho era fluido. Com a metade do corpo dentro do espelho, Magno avistou a mesma trilha que o trouxera à cabana. ‘Até que enfim, achei a saída desse maldito lugar!’. Instintivamente, passou para dentro. Ato contínuo, de lá, uma pessoa foi expelida. Posicionaram-se frente a frente.

— Quem é você? – Perguntou Magno.

— Íxion. Mas isso, de nada lhe vale. O importante é que estou livre.

— Livre? Esta cabana é uma prisão.

— De certa forma. Para sair, é preciso passar algum tempo dentro do espelho. Há anos eu estava aí.

Magno tentou voltar. Não conseguiu.

— A única forma é a troca com outra pessoa, assim como aconteceu conosco.

Despedindo-se, Íxion se afastou e partiu.

De dentro do espelho, prestes a enlouquecer, Magno urrava de desespero naquele estranho lugar.

Ao conferir a hora (02h 07), Fábio pensou: ‘vou me ferrar na prova’.

A algumas ruas de onde Fábio mora, em outra casa, uma cena se repetia.

— Vou dizer boa noite à nossa filha.

Essa frase causava náuseas e grande sofrimento em Raíra. Alguns anos atrás, quando descobriu, indignou-se. Sem medir os riscos, atacou o marido. Feriu-o com unhas e dentes. Muito mais forte, ele a segurou pelo pescoço, asfixiando-a:

— Outra gracinha dessas e eu acabo com vocês duas.

Quando a pouca maturidade lhe permitiu compreender, Camila também se rebelou. O pai a arrastou pelos cabelos até a mãe:

— Vocês são minhas mulheres. Sou o provedor aqui. Eu as sustento e exijo reciprocidade. Ai de vocês se me negarem.

O brutamontes desembainhou um enorme punhal e riscou, de leve, o peito nu da criança:

— Eu amo vocês; só me importo com nossa família. Mas se me contrariarem, não pouparei ninguém. Entenderam?

Raíra e Camila, intimidadas, se submetiam às atrocidades daquele homem.

De manhã, organizando-se para ir à escola, o livro se abriu diante de Fábio, dando-lhe a última ordem: “antes de vinte e quatro horas, entregue este livro à primeira pessoa que encontrar, ou seus pais morrerão”.

Mochila às costas, segurando com firmeza o terrível livro, Fábio saiu. Deu de cara com Camila.

— Podemos conversar? – Disse ela.

O livro caiu da mão de Fábio. Camila se abaixou e o pegou.

— É bom?

Ele nada disse.

— Empresta pra mim? – Pediu Camila.

— Pode ficar, mas anote meu número de celular. Sei que me ligará à noite, depois que iniciar a leitura.

E como era de se esperar, o telefone toca.

— Fábio, que tipo de livro é esse?

Tudo o que Fábio sabia do livro, contou a Camila.

— Compreendo. Simplesmente, chegou a minha vez de ler. Mas está tudo bem.

Dez da noite, a porta do quarto de Camila se abriu. A fraca luz do abajur iluminava a bela jovem diante de seu algóz.

— Estudando até agora?

— Um livro bem interessante.

O pai sorriu. Era a primeira vez em muito tempo, que Camila lhe dirigia palavra. Excitou-se.

— Posso ler um trechinho pra você, pai?

— Pode, mas não demore – disse, acariciando os longos cabelos da filha.

“O interior da cabana em nada lembrava seu aspecto externo. Magno titubeou”.

Do livro e do corpo de Camila, inexplicavelmente, desprendia-se estranha substância cinza. À frente da jovem, um pai lúcido, mas imóvel.

“Era fim de tarde. Avistou uma cabana e acelerou os passos”.

O pai de Camila mal respirava.

“Estranho, por fora, parece abandonada, por dentro, um lugar acolhedor”.

Misto de ódio e sorriso na face de Camila. A leitura continuou:

“O breu noturno se apossou do dia”.

O brutamontes caiu de cara no chão. Contorcia-se. Expelia gosmenta e esbranquiçada espuma pela boca.

“Ao redor, ouviam-se os ruídos característicos de predadores em luta com suas presas”.

O pai parecia ter sido atropelado por uma carreta. Pescoço, braços e pernas retorcidos. Não emitiu qualquer som. Morte dolorida e lenta, mas silenciosa.

Camila correu ao encontro da mãe, a fim de lhe contar que estavam livres. Encontrou-a com o corpo retorcido como o do seu pai.

Já era madrugada quando os bombeiros conseguiram controlar o fogo. Encontraram três corpos carbonizados, certamente dos três moradores daquela casa.

Cuca

Geraldo Trombin

Noite densa, gélida; raios e trovões. Tentando embalar o sono do seu anjinho, a mamãe suave canta:

– Nana, nenê, que a Cuca vem pegar...

Ele interrompe:

– Mã..., a Cuca não vem aqui. Ela tem medo...

– Ah... vi você tremendo... pensei que fosse por medo dela!

– Não, Mã! É que a minha cova é muito gelada!

AcidaMente

Aparecida Gianello dos Santos

— Eu tenho um cachorro, sabe? Ele me espera chegar todo santo dia, dá pra acreditar nisso? Chova ou faça frio, lá fica o bicho me esperando na boca da noite, no portão de casa. E quando me vê chegando faz a maior festa comigo, lambe minhas mãos, pula em cima de mim, faz que me morde, late, corre feito louco de pura alegria, e eu brinco com ele, faço cafuné, levo pra passear, coisa que ele adora, só vendo. Por enquanto só tenho esse, mas quero ter mais um animalzinho em casa, quem sabe um gato. O Sansão? Não. Duvido que se importaria, é um bom cachorro, nada tem contra gatos, eu o ví brincando com a gata do vizinho, dá pra imaginar isso? Bem, se Helena deixar, é claro. Se ela deixar eu juro que arrumo um gato, ou dois, que é pra ficar completa a nossa felicidade. Ela é meio brava, sabe como são as mulheres, sempre donas da razão. Querendo ou não, acabam mandando e desmandando na gente depois que se casam, né não? Nem ligo, gosto dessa coisa de ser mandado, porque gosto dela. Não, mínto. Eu sou completamente doído por essa mulher! Bonita, simpática, inteligente, querer o que mais? E a danada ainda sabe como ser carinhosa, me entende? Ela me ama, eu sei que sim, até ciúmes deu de ter, vai vendo... Quando venho da rua, me cheira todo, feito um cão procurando pistas, quer saber onde estive, o que fiz,

essas coisas. É com ela que quero ficar pelo resto de meus dias, por ela vou até o fim do mundo, até o inferno se for preciso eu vou, ô se vou! E minha pequena, então? Precisa ver que riqueza, é de doer as entranhas quando olho pra ela de tão bonita com aquele olhar apatetado de recém-nascida, cabelo preto, pretinho igual tição, bochechas róseas, boca vermelhinha que nem sangue, é a coisa mais fofa do mundo! Uma belezinha de nenê, quase não dá trabalho, dorme a noite inteirinha... Por esses dias, doutor, tenho procurado dar bastante atenção ao molequinho, sabe como é, ele anda um pouco nervoso com a chegada da irmã. Coisa de criança, logo, logo vai se acostumar, tem três aninhos só, a gente tem que relevar. Fico bastante com ele, converso mimo... É um menino encantador, inteligente como ele só, o xodó da mãe. Mas ela já disse, não quer mais filhos, eu entendo e dou-lhe a razão, por isso decidimos não ter mais nenhum. Os tempos não estão nada fáceis... Só dois bastam, está perfeito. Bem, isso é tudo. Eu tenho uma família e agradeço a Deus todos os dias por ela. Acho até que vai além do que eu imaginava ter um dia, porque, veja bem o senhor, quantos aí sozinhos no mundo querendo uma família, querendo ter filhos e não conseguem, não é mesmo? Sou um abençoado, doutor! Tenho tudo, quero mais nada da vida, não.

— Muito bem, senhor Jack, vejamos o que diz seu prontuário... Amigo imaginário na infância, namorada

imaginária na adolescência e agora essa. Escute bem, se quiser ter uma vida normal, socialmente falando, tem de parar com as fantasias. Uma família imaginária dá muito na vista, tem que acabar logo com isso ou vai voltar para a clínica – advertiu o doutor, acidamente.

E naquela mesma noite...

— Alô? Doutor, sou eu. Fiz o que o senhor mandou. Acabei com tudo: o cachorro, os filhos, Helena, tudo. Não pense o senhor que foi fácil. Foi não. Mas, não se preocupe, agora está tudo bem.

Enquanto atendia, sonolento, ao antigo paciente, sirenes ecoavam ao fundo.

Leonora

Paulo Luís Ferreira

— Se em vida fui para ti um tormento,
morrendo serei tua morte —.

“Quem sabe um dia;
Quem sabe um seremos;
Quem sabe um viveremos;
Quem sabe um morreremos!”
(Mário Quintana)

O remorso é o maior delator de um crime. Nesse instante sinto a morte invadindo meus sentidos, e esse sentir me aterroriza. Faz dias que eu não me alimento e não durmo. O remorso dói como uma ferida aberta a sangrar pelos móveis, pelo teclado do computador, de onde escrevo agora. Pelas pernas encharcando as meias de sangue. Eu fico olhando as paredes que eram brancas, vendo imagens que correm de lado a outro. Quando deparo com manchas de escarlates lágrimas desenhando a cara dela. Caminhando de cabeça para baixo pelo teto. A boca aberta. A língua, ora serpenteando, ora estirada, tesa, apontando para mim, acusando-me. Falando coisas terríveis dentro do meu ouvido. Eu mando que cale a boca,

mas ela não cala. Estou com a boca seca, o peito mole, doendo. Difícil é engolir a noite, mastigá-la e sentir seu gosto amargo. Ouvir a campainha tocando sem parar. A angústia fazendo do desespero uma faca silenciosa cortando as fatias do medo e saber que serei a próxima vítima de mim mesmo.

A ideia persiste, tenho que escrever sobre Leonora. Tantas vezes tenho pensado durante este último ano tão penoso e vazio para mim. Preciso ocupar o espaço físico de Leonora, dando-lhe um sentido maior. É necessário que se faça um outro ser dentro de mim. O rumor de suas palavras, durante a noite, já não é o suficiente para consolar meu espírito que sofre tantos sobressaltos.

Sim, muito eu teria a dizer sobre o modo de ser de Leonora. Embora tenda a acreditar ser muito difícil falar sobre Ela. Sua forma frágil e imperatriz de ser, seus devaneios e sua mansidão, o pacato e o agressivo do olhar. Creio, pois, desnecessário salientar a dificuldade que tenho de formular conceitos, sejam eles quais forem sobre Leonora.

Há, nas minhas lembranças, estranhos hiatos. Fixaram-se, ao mesmo tempo, coisas insignificantes e

extraordinárias. Depois vem um esquecimento quase que total. E essas recordações aparecem-me sempre emaranhadas e esmaecidas. Nada se organiza em minha memória. Daí o motivo de nada poder escrever sobre Leonora. Então...

Pego seu retrato e olho-o com zelo, e observo que meia metade, um quarto daquilo que houvera sido já está retraçalhado pela traça. Essa descoberta me confunde, me assusta. É sob um profundo horror que reponho o retrato onde estava. E percebo que não tenho mínima capacidade de escrever sobre Leonora.

É quando um remordimento e a dor tomam conta de minhas entranhas, e logo choro convulsivamente a melancólica lembrança Dela. Então imploro aos deuses que devolvam minha Leonora. Mas eles nada me dizem como resposta. Eu sei desta impossibilidade, então volto a cair em um pranto ainda maior e durmo numa inconsolável tristeza. E quando acordo, estou mais triste ainda e decido que escreverei de Leonora o que Shakespeare escreveu de Desdêmona; Cervantes divagou sobre a Dulcinéia del Toboso para o seu Quixote e Rosa cantou de Diadorim e Riobaldo. Porque, realmente sou desprovido de talento para escrever sobre Leonora.

Mal faço anotações sobre sonhos exóticos, encontros impossíveis como os que tive à meia-noite de um futuro qualquer. Em que sobrevoava o Monte Everest,

içando Leonora e sua carruagem de fogo, rebocada por 16 cavalos e suas 48 ferraduras de prata, salvando-a do degelo movediço da montanha. Por isso tomarei outro rumo. Tentarei descrevê-la naquilo em que fui cúmplice, como se um diário fosse. Para quem não entende de nenhum estilo literário, forma melhor não há.

No entanto, não fosse minha parca sabedoria, faria de Leonora uma heroína. Assim como Salomé, uma Sherazade, uma Olga, uma Anita Garibaldi; ou quem sabe, uma lenda budista, uma deusa grega ou um ente folclórico. E por que não uma Ana Karenina? Só por que foi suicida? Mas de nada adianta meus esforços, porque só tenho reminiscências.

Aliás, Leonora não foi à estação àquela tarde para me matar. Ela apenas foi avisar que tudo já estava pronto, que eu poderia voltar. Mas a cena que ela assistiu foi fatal para o desenlace do ardil montado. Sua investida contra mim já estava planejada, o meu revide é que foi excessivo, fora do roteiro, uma fatalidade.

Agora estava eu ali, sentado no mesmo banco, na mesma estação, esperando o mesmo trem. Sendo alvo de olhares de desdém e perguntas indiscretas entre os passantes. Cada um tentando imaginar meu drama... Estaria eu com fome, desempregado, doente... Por quem sofro, por quem choro?... Não, não venham me perguntar. Porque não direi que é por Leonora que choro.

— Está vendo ali?

— Estou. Mas, será que está chorando mesmo ou é impressão minha?

— Está chorando, sim.

— Coitado!

Leonora tinha uma discreta personalidade, da qual cultivava um gênero não muito difundido de elegância, de uma intimidade invisível, cheia de pudores; se recusava a qualquer forma de ostentação. No seu conceito, uma forma incontestada de soberba. Sempre fora uma voraz crítica ao modismo, às tolas invenções, aos falsos raciocínios, às hipocrisias e todos os delitos humanos. Guiava-se Leonora apenas pelo sentido poético. Embora tivesse sido de uma poética violenta, às vezes. Pois que, ainda está muito vivo em minha mente, e é apavorante a lembrança Dela me enterrando todo o corpo na areia salgada da praia e a sair para fazer compras na feira de artesanato local.

Leonora era uma flor nascida entre os nós de um arame farpado.

E vale lembrar que Ela era extremamente fissurada por quiromancia e cartomancia. Embora todas as suas adivinhações fossem fundamentadas nas imagens fulguradas dos mitos fenícios, e não nos meros símbolos dos anjos das cartas e das linhas das mãos. Assim sendo,

Leonora via em mim um ótimo instrumento para experimentar suas previsões e prognósticos místicos.

Quando ela voltava do passeio e via minha cabeça vermelha como um açafraão suado e, imbuída dos poderes da Deusa Astarteia, cuja divindade empresta suas energias através das pedras, seixos dos rios, e delas, Leonora fazia uso para decifrar previsões modulando o calor das pedras em meu rosto quase espectral. Estes eram, inclusive, alguns dos arcaicos ritos da prostituição sagrada, que era muito comum na Babilônia de Nabucodonosor e que Leonora usava em nossas orgias sexuais. E isto, Ela fez logo que desenterrou meu corpo da cova de sal, onde eu, moribundo, quase morto, jazia moído e cozido; quando aproveitava para quebrar o resto dos meus ossos. Então predizia, sussurrando ao meu ouvido, mordiscando o lóbulo de minha orelha, em tom metafísico e transcendental que a morte da geometria estava próxima e que o mundo já tinha data certa para seu fim.

Esses são apenas alguns poucos fragmentos da personalidade de Leonora. Eu não tenho o menor ressentimento em acusá-la de anjo ou demônio. Porque Nela, era fácil se perceber distintamente duas formas de caráter. Leonora tinha a nítida intenção de demonstrar que, se hoje era uma, amanhã seria outra. E isso me fascinava ao mesmo tempo em que me aterrorizava. E tal demonstração era convincente. Uma taça de vinho em suas mãos tanto poderia ser uma bela cena, vê-la sentir, o

buquê do vinho pelas bordas da taça, como terrível era vê-la comprimindo-a até espatifa-la, deixando-a em cacos dilacerantes numa mistura infernal de vinho, vidro e sangue, contraíndo o rosto em angústia para, em seguida, seus olhos se iluminarem demonstrando alegria infantil.

Vale ressaltar que nosso estar junto era ilusório e enganador. Não éramos nada um para o outro. Apenas cúmplice de uma existência angustiada e cheia de anseios. Leonora era lúbrica, libidinosa, verdugo, fada e musa. E apesar de tantos e tantos predicados, das virtudes e dos vícios, eu nunca soube o que escrever de Leonora. Apenas engasgo em seu nome: Leonora, Leonora, Leonora...

O relógio marca meia-noite. Nesse instante escuto o ding-dong tocar com mais insistência. Arrasto-me penosamente até a porta. Universos foram criados e destruídos; Eras pereceram em lapsos de tempo. Ando, ando e não saio do lugar. Era como se o corredor se alongasse, postergando o que viria a seguir. Num esforço de pesadelos, abro a porta.

Na porta, uma figura espectral de olhos incandescentes a dar luz à escuridão. Que em tom gutural diz:

— Vim trazer sua Leonora para mais uma noite.

— Quem é o senhor?...

— Quem sou eu?... Deveria saber. Eu sou Belzebu, o Príncipe das Moscas!

Ei-la, os lábios vermelhos se contraindo contra os dentes perfeitamente brancos. A pele alva como o um alfenim. Dos olhos negros grandes e sérios brotam faíscas que mais parecem brasas. Estranhamente, estão mais vivos do que nunca; não me olham, invadem minha alma. Os cabelos, da mesma cor dos olhos, lhe caem até a metade das costas, lisos. O vestido é o mesmo com que eu a enterrei. Eis meu cadafalso.

Só me resta a penitência por tê-la consumido em vida e ela a mim em morte. Por sentir-me emaranhado na teia da persona que foi Leonora. Que mesmo na distância de sua morte ainda me empareda em seus artifícios.

Já não sei se estou acordado, vivo ou morto. Os pensamentos pesados de transgressões e remorsos como um navio cargueiro se misturam em minha mente. O peito aos pedaços. Dilacerado. Sua rouca e tenebrosa voz uiva dentro dos meus tímpanos:

— Se em vida fui para ti um tormento, morrendo eu serei tua morte.

— Não chegue perto de mim. – eu grito.

Mas ela se aproxima e eu já sinto suas mãos e a esganadura no meu pescoço. Quando por fim ela cortou minhas forças e embrulhou-me em seu manto.

Interrupção

Nina Bichara

Fazia mais ou menos 3 semanas desde que eu e meu marido notamos o interruptor. Ao lado da porta de correr da sacada, de frente pra mesa de jantar. É claro que é estranho, fazem sete meses desde que alugamos a casa e nos mudamos, mas em nenhum momento tínhamos notado esse interruptor. Nós almoçamos e comemos todo dia sentados no mesmo lugar, nada tampa o interruptor, nem a cortina o esconde quando balança com o vento. Mas o assustador é que estava lá.

— Amor... — meu marido apontava para o interruptor indagando.

Eu não entendi o que ele queria dizer, era só mais um lugar pra ligar a luz e todas as luzes da sala já estavam acesas.

— Desde quando tem um interruptor aqui?

O pavor me atingiu como um raio. Nunca teve um interruptor ali, nós nunca notamos que estava ali, pelo menos. Poderia ser histeria coletiva, mas estávamos os dois sem entender desde quando aquilo estava lá. Não fazia sentido, nós mesmos mudamos toda a casa, fizemos os reparos e trocamos as lâmpadas. Ficamos olhando para ele desconfiados por um minuto e depois eu balancei as

mãos falando para deixarmos aquilo pra lá. E assim terminamos de tirar a mesa e ir deitar.

A casa era ótima, pequena, mas nova. O morador anterior ficou só um ano ali. O bairro e a localização eram ótimos, bom demais para ser verdade e caber no nosso bolso. A dúvida começou a nos comer vivos. Todo jantar saímos da mesa olhando pro interruptor, tentando entender porque estava lá e o que aconteceria se alguém apertasse, nós não tínhamos coragem. Mas era preciso fazer alguma coisa, não poderíamos simplesmente aceitar que tinha alguma coisa estranha com a casa e seguir vivendo. Nós lembramos das fotos da época da imobiliária. Tiramos fotos e gravamos vídeos de todos os apartamentos que estávamos vendo na época. Eram muitas visitas, acabávamos sem saber qual era cada um e de noite sentávamos na casa da minha tia para ver as fotos e reavaliar os apartamentos. As fotos ainda estavam na nuvem, postadas pelo celular. Chegamos ao apartamento atual, uma das últimas visitas. No vídeo que eu tinha feito a parede onde deveria estar o interruptor não apareceu, o sol batendo na porta de vidro sem a cortina ofuscou a câmera do celular. Era nossa única pista. As outras fotos durante a reforma e as adequações na casa só mostram outros ângulos, a maioria deles eram fotos nossas deitados no chão vazio morrendo de cansaço. Combinamos de esquecer isso por uns tempos.

Foi numa noite quente, enquanto apagava as fotos do celular que lembrei de mais umas fotos que poderiam ajudar. Nós tínhamos feito um chá de panela. Só havia uma mesa na casa, mas alugamos algumas cadeiras de plástico e compramos muita comida. Rimos a noite toda com amigos e família. Tiramos poucas fotos, mas eu ainda tinha algumas que tinham me enviado, - 'credo, como eu estava enorme nesse vestido'. Olhei a foto dos amigos e do meu irmão comendo mousse, era a parede do interruptor. Mas meus maiores e mais estúpidos medos tinham se confirmado. Não havia nenhum interruptor nas fotos. Foi um misto de pavor e curiosidade, eu me sentia estúpida por ficar tanto tempo encucada com um simples dispositivo de energia. Uma idiotice de acender lâmpadas que bem poderia ser apenas um erro durante a execução da construção. Mas acontece que ali, naquele momento eu tinha uma prova. Uma foto de mais ou menos 5 meses atrás que mostrava que não deveria ter nada naquela parede.

Esse era o problema com a curiosidade, ela não te dá uns minutos pra pensar, você age enquanto o pensamento está confuso. Resolvi acabar com o dilema, ainda que meu companheiro estivesse no trabalho, fazendo plantão até tarde. Era só apertar a merda do interruptor e isso iria acabar. Fui resoluta até a sala, contornei a mesa e apertei o maldito botão. Nada. Tentei novamente. Ainda nada.

Mais uma vez?

Não, nenhuma lâmpada acendeu, nada mudou bruscamente e o mundo não ficou mais estranho do que já era. Era realmente só um erro na construção e eu me sentindo idiota por criar na minha cabeça toda uma loucura sobre um interruptor. Quando meu marido chegasse iríamos rir um bocado da nossa idiotice, pelo menos esse era meu consolo. Liguei a TV para distrair e fui separar tintas velhas da minha caixa. A campainha tocou. Será que ele estava sem chave? Eu já me levantei rindo da cara dele, normalmente eu quem perdia as coisas. O plantão devia estar deixando ele cansado de verdade.

— Olha só quem perdeu a chave...

Abri os olhos para ver o rosto dele, mas o que vi foi um corredor escuro e torpe. As paredes descascadas mostravam por dentro um vermelho doentio. As luzes, opacas, piscavam lentamente fazendo o som de ligações elétricas desgastadas. Aquele era meu prédio, mas parecia maculado, cenário de um pesadelo ruim, digno de ‘filmes B’. Eu olhei pra trás e a casa estava começando a ficar do mesmo jeito. As paredes, as luzes, tudo se retorcia e revelava um aspecto bizarro. Um cheiro podre inundava as narinas.

Foi quando um barulho de pés arrastando veio de dentro do quarto. O corpo era humanoide, mas era retorcido em certos pontos e a pele soltava da carne. Era

reconhecível de alguma forma. Minha espinha gelou. O rosto repuxado que eu via era reconhecível. Eu devia estar louca. A versão medonha do meu marido vinha lentamente em minha direção. Corri até a cozinha, o gaveteiro no canto guardava o martelo que compramos. Na volta, ainda tentando escapar da presença sinistra, bati o quadril na quina da mesa. A dor me distraiu por uns segundos, tempo o suficiente pra que eu sentisse uma mão fria e molhada nas minhas costas. Antes que eu criasse coragem pra olhar pra trás bati o martelo no interruptor com todas as minhas forças.

A coisa estourou com um estalo. As luzes piscaram mais uma vez e eu caí no chão, jogando a ferramenta pro lado e tampando os olhos, pedindo pra não ver nada daquele horror de novo.

— Amor? Amor? Você tá bem? Pra que isso? Aconteceu alguma coisa?

Era eu que estava gelada agora, suando frio. Enquanto eu tirava a mão do rosto eu via meus dedos amarelos e molhados de suor. O martelo e os pedaços de alvenaria e plástico espalhados pelo chão. Eu olhei lentamente as paredes e parecia que a casa tinha voltado ao normal. As mãos que me tocavam pareciam ser do homem com quem eu vivi o último ano. Mas a minha cabeça ainda retinha memórias daquele outro mundo

deturpado, ou seria este? Ou seria essa apenas uma fachada prestes a desabar com um simples clique?

— O interruptor. Você... era uma coisa. Ia me pegar.

— Amor, você deve estar cansada. O interruptor te deixou tão assustada esse tempo todo? Às vezes foi só impressão nossa e ele sempre esteve ali.

Eu apontei o celular com as mãos trêmulas. Enquanto ele pegava o celular, eu me lembrava do contrato de aluguel, da última moradora que ficou ali apenas um ano apesar do apartamento ser ótimo e novo.

—Amor. Vem, vamos descansar. Você está vendo coisas e precisa descansar. Você apagou completamente desde que eu cheguei em casa, nem me ouviu e estourou o interruptor todo!

— Você está mentindo pra mim, não está? Vai dizer que nem está vendo ele. Que não viu a casa, as paredes. Está mentindo... Mentindo! Você não vai me enganar de novo. EU NÃO VOU VOLTAR PRA LÁ!

Mínhas mãos alcançaram o martelo novamente.

Os caminhantes

Luís Amorim

Alegres eles caminhavam por entre ditas piadas e imaginadas outras ainda que não verbalizadas pelo menos no momento que de avanço era rumo ao castelo, aos olhos deles visto como um saboroso eventualmente garantido de sangue banquete. As humorísticas tiradas estariam adiadas para o interior centenário de pedra feita construção acastelada, cada vez mais próximo quando ansiosamente lá dentro estariam rodeados por gente outra e diversamente numerosa de quentes veias, assim eles o desejavam com ardor de garganta impaciente. Muitos eram os caminhantes de vampíresca estirpe que esfomeados pela sua tradicional ementa venciam as íngremes dificuldades do terreno para terem como reduzida de maior cada vez distância perante o de castelo previsivelmente certo nocturno banquete. E eis que após força imensa no caminhar, visível cansaço eles notavam no reciprocamente colectivo restando como interrogação no premente da altura se ainda existiriam suficientes energias para o prometedor degustar de sangue que os moveu rumo monte acima com entrada de castelo já no então de altura os recebendo, inclusive com abertura de gigantesco portão no comparativo à altura dos vampírescos seres feitos visitantes inesperados, ou talvez não, pois com misterioso estender de acesso, até com

avermelhada vistosa na sua tonalidade, o tapete de notáveis dimensões, naturalmente os cumprimentou e lhes acenou convite de abrangência colectiva para não usarem de timidez eventualmente pensada como reveladora e finalmente pudessem fazer uso de entrada que só poderia ser de natureza triunfal. Apesar de algum desconfiar, os vampiros rodeados pela sua incontável fome deram os seus ofegantes seres para o espaço receptivo imediatamente ultrapassado perante o enorme salão que já no então avistavam, ainda que não pela sua totalidade. Mesa de ceia no quase de perder à vista foi compensada quando na sua extensa de vampira contagem vislumbraram que haveria pomposas cadeiras para todos. Com a final proximidade, os caminhantes perceberam que a majestosa ceia de mesa encontrava-se repleta de vultos, talvez cada qual pronto e reservado para vampiro recíproco chegando em conclusão na perigosa aproximação, a dizer-lhes esta, precisamente o contrário, pois cada vampiro ser é que estaria destinado ao vulto correspondente e de mente confortável por sentado, na ocasião de seu fim percebida como um impaciente fantasma esperando pelo seu par nessa, desejavam eles, os fantasmagóricos seres, tão alegre como prazerosa e interminável noite.

As meninas-leão

Alberto Arecchi

Minha querida, estou-lhe escrevendo do quarto do meu hotel em Duala (Camarões).

Sabes que cheguei aqui porque um dia me aconteceu de ler em um jornal local a notícia de um julgamento criminal. O repórter falava do caso com um gosto macabro e persistia sobre os detalhes mais escuros. Tratava-se de um grupo de meninas que tinham sido raptadas em algumas aldeias rurais. Presas por anos em gaiolas, foram treinadas para agir como bestas carnívoras, como leões ou leopardos, hienas ou panteras. Mantidas em condições de vida sub-humana, comiam apenas carne crua, sangrenta, e eram forçadas a capturar pequenas presas por comida. Depois de completar o treinamento feral, tinham sido utilizadas para realizar assassinatos por encomenda. Elas começaram como um grupo para abater as vítimas, apresentando-se cobertas por peles frescas, que exalavam um forte cheiro de fera, com garras de metal afiado nas mãos e nos pés. Sua ação é difícil de distinguir de um ataque verdadeiro de feras predatórias, apresentando, contudo, uma característica exclusivamente humana: todos os animais selvagens, na natureza, matam apenas para obter comida ou para alimentar seus filhotes; apenas os animais enlouquecidos

– e, claro, o homem – matam na ausência da angústia da fome.

O mundo estava convencido de que a África negra não mantinha mais segredo nenhum, fora dos interesses econômicos sombrios e ocultos, que alimentam as guerras modernas. Os tumultos e ódios tribais se confundiam com a luta pela posse de recursos minerais e com o conflito geral entre blocos opostos do mundo.

As mulheres-leão, mulheres-leopardo ou – às vezes – mulheres-hiena, tinham uma antiga tradição de xamanismo, no seio da África mais oculta. Na sociedade de hoje este costume sobrevive, esporádica e secretamente, como uma forma de lavagem cerebral e condicionamento, controlada por personagens temíveis do submundo criminoso. As meninas compõem pequenos grupos de assassinas que não se podem individualizar e vão matar os inimigos de seus "mestres", por motivos de rancor, vingança ou rivalidade. Quantos massacres, imputados oficialmente a animais selvagens, poderiam realmente ser obra dos grupos criminosos de meninas-feras?

Esse processo me intrigou e decidi realizar uma investigação aprofundada sobre os artigos publicados na imprensa local. Consegui entrevistar os advogados das meninas acusadas e o Professor Mbé, reitor da Universidade e Professor de Antropologia Criminal.

Finalmente, a minha curiosidade levou-me aos lugares que tinham sido o cenário de massacres cometidos pelas mulheres-leão.

Em três aldeias, não muito longe das margens de um lago, reuni provas de tradições que me pareceram muito interessantes. Havia grupos de poder oculto, nas florestas do coração da África, que não hesitavam em colocar-se a serviço de quem pagasse o suficiente para fazer uma matança. O instrumento de morte eram essas pobres garotas, sequestradas das famílias em idade precoce e criadas em gaiolas, alimentadas com carne humana, o tempo todo de quatro como animais, finalmente treinadas para matar, com a esperança de obter sua recompensa. O disfarce feroz das jovens assassinas servia para espalhar o terror e perpetuar a lenda de ritos ancestrais. Muita gente sabia e não queria falar, pois a maioria tinha medo de falar ou fazer demais. Uma pergunta, uma palavra, podia ser perigosa para o incauto que fora o autor, como para todos os seus contatos.

Voltei com muitas impressões e muitas fotos. Sonhava que era perseguido por manadas de mulheres-leão. Quando o pesadelo não me deixava dormir, cheguei a destruir todas as evidências que eu acreditava ter encontrado. Fiquei dez dias com febre, permeado pelo medo de que qualquer uma das enfermeiras, que se

aproximavam do meu leito de hospital, poderia ser uma acolita daquele culto infernal.

Por fim, eu consegui curar-me. Quis esquecer, tentei com todas as minhas forças esquecer tudo o que poderia me lembrar dos terrores escuros das florestas primitivas.

Ontem à tarde, um quadro preocupante ressurgiu das profundezas do meu subconsciente. A televisão estava sintonizada em uma dessas terríveis e alucinantes transmissões da tarde: uma improvável dançarina e cantora estava se confrontando em um duelo amoroso com um Rodolfo Valentino de periferia.

Tentei tirar-me disso e concentrar-me na leitura de uma revista. Não consigo agora lembrar o que era exatamente o artigo que me surpreendeu: as guerras, as crianças-soldados e as populações mais fracas reduzidas à escravidão, ou talvez fossem tranquilos safáris fotográficos. O fato é que a história das meninas-leão ressurgiu com arrogância em minha memória. Percebo claramente nas narinas o cheiro irritante do sangue estagnado, ouço o voo de moscas zumbindo em meus ouvidos e o chilrear das cigarras em uma tarde ensolarada, em torno de uma cabana longínqua, batida pela asa da morte. Vejo aqueles pobres corpos rasgados. Não posso mais ignorar as imagens e sentimentos que eu tinha

tentado remover, mas permaneceram gravados na minha memória.

Noite de verão. No parque, a poucas centenas de metros do meu quarto, outra vítima. Não falta a delinquência, há assassinatos também nesta parte do mundo. Não há necessidade de recordar as meninas-leão para provocar arrepios de horror na minha espinha, quando vou ler os jornais. De manhã, parece que lemos os boletins de uma guerra travada nas ruas, diante de nossos olhos fechados, enquanto estávamos dormindo, pacificamente inconscientes.

Todas as noites há mortos por causa de acidentes de carro, por *overdose*, ou guerras de gangues. As duas vítimas de ontem à noite, no entanto, foram bastante incomuns. Seus ferimentos eram muito semelhantes ao rasgo de garras afiadas de metal. Volta aquela sensação de pesadelo que me assombrou por toda minha vida, como se, lendo o jornal, tivesse reaberto uma ferida, conjurando uma terrível presença que eu estava desesperadamente tentando excluir da minha memória. As meninas-leão estão agora entre nós, enquanto aqui a delinquência matava apenas com arma de fogo ou com facas.

O jornal publicou que uma pantera gigante foi vista rondando no parque público, e as forças de segurança estão à caça dela, mesmo que não estejam totalmente convencidos da existência da fera.

Eu sei quem cometeu os últimos massacres, e ainda sei que os batedores não vão encontrar nenhum gato... Mas quem iria acreditar em mim, se eu contasse todos os pesadelos que vivem na minha memória?

As meninas-leão estão me perseguindo, nem sei se conseguirei voltar para a vida normal.

Daemon

Ricardo Mendonça Cardoso

Deixe-me te mostrar
Um lugar recôndito
No mais obscuro de ti
Um abismo caprichoso
Onde te espera um demônio
De olhos negros profundos
E enormes mãos enrugadas
Que como um verme
Apodrece o que toca

Na amplitude do mergulho
Ele vem te buscar
Está atrás de ti
Criatura rutilante
Não há como escapar
Quando o que te persegue
Está na mente enraizado
Aguardando uma brecha
Para deixar de ser exilado

O rosto

David Leite

Surgiu no vitral aquela visagem
com uma frente branca,
projetada como
se anunciasse
o sobrolho
hirsuto...
e um olhar
perscruto
aquilino
nariz
e
respiro
retilíneo
sobre os
beijos
ornando
o queixo
pontado

e na garganta abaixo,
prisão de um resfolegar
a ameaça de um grito
que temi se concretizar.

Auto(psycho)grafia

André Foltran

O poeta é um pecador.
Peca tanto, e tão somente,
que tem de fingir licor
o sangue que traz nos dentes.

E os que leem o que escreve,
na bebida sentem bem —
até o anjo, quando bebe,
aos demônios grita: Amém!

E assim, embriagados,
sem dor nem religião,
conduzimos nosso arado
sobre ossos do coração.

Sonho

Ravena Barros

Essa vida que desejo para mim

é um sonho tão lúcido.

Sonho passageiro

que me toma o dia inteiro.

Ilusões e pensamentos

protagonizados pela dor,

dor ardente de ferro em brasa.

Mas o tempo, ele não liga

do lugar que se esconde a fera

das esperanças e do amor,

que por ele são esquecidas,

mas que não podem ser perdidas

no abismo do desespero

encontrados dentro do coração.

Ó sonho passageiro

que me toma o dia inteiro,

que não perde o desespero
da realização vazia
que meu cérebro cria.
Podia apenas passar,
encontrar teu par
e me deixar aqui com a Fera,
para dormir em paz
de olhos fechados
sem a dor,
sem os pensamentos,
que me tome a noite inteira
e que o tempo não esqueça.

Havia falta de fé na penumbra

Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva

O horror existia enquanto estava acordado,
E tinha consciência de sua sociedade
E de seus semelhantes em espécie.
Decidido a si próprio redigir o epitáfio de sua lápide;

Havia a falta de fé, na fé
Na penumbra e de encontrar a luz,
Da caverna de seu íntimo
E achar que o mito da caverna é
Apenas
Um mito atual.

Quando sujava sua mão de sangue
Da sua indolência,
Feito pelos crimes aprovados pela sua razão.
Terror seria ter que viver mais um dia,
Sem ter esperança de que a paz voltaria

Encontrava o terror no túnel da sua alma,
onde as pessoas tinham dilacerado cada
pesado de vida com seus dentes,
sem noção de saciedade.

Pânico.

Ao andar nas ruas, era o sentimento que me engolia.

Pânico.

Ao pensar no meu futuro – ou no cadáver que eu iria me
tornar;

Pânico.

Aí de mim se eu já não tivesse me tornado,

ou mal

estivesse

vivo.

Pânico.

Criei aversão ao ver-me no espelho,
cercado dos entes que disseram que eu lembrava,
E sendo culpado por coisas que eles fizeram,
E nem nos meus sonhos seria capaz de fazer.

O tormento vinha da minha mente.

Quando fosse eu responsável pelos meus pensamentos,
meu inconsciente traria a repulsa dos monstros à minha
volta

E se quer eles poderiam resistir.

Cansou de tanto escrever no seu leito

E pôs-se a deitar em berço eterno – quase

Mas não dormia. Nunca. Nem sonhava.

A lama dos seus anseios não o deixava admirar

Ele não tinha paz dentro de si.

Tréplica

Roque Aloisio Weschenfelder

cara ferruginosa

lata sem vergonha

medonha

desrisonha

bisonha

abusiva

ombros engolidores da cabeça

ameaçadores dedos

unhas longas

pontudas

agudas

mãos peludas

pernas borrachudas
desjoelhados
giradores
escondedores
de segredos ferozes
de todos os algozes

nas terríveis cenas dos tempos tenebrosos
o fruto imaginário dos dias
afeta a mente em orgias
joga lama nas pias
em que se lavam manias
e acabam quaisquer alegrias

trrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrreeeeee

tssssssssssseeeee

ssssuuuuuffffffrrrrraaaaagggggiiiiioooooossssss

mmmeeeeedddrrrrroooossssoooooossss

rrrrreeeeessssssuuuuuulllltttttaaaaaddddooooossss

as cenas dos adoráveis

indesejáveis

não há vagas nas celas
não há leitos nos quartos
não há sal ários nas contas
não há sol uções prontas
não há mesas postas
não há amor

a dor
de ver o murcho da flor
o desfolho da inocência
o desfeito das aulas
os invasilhames dos direitos
todos os terrores perfeitos

Visão

Antônio Luiz de Medeiros Campos

A mesma escuridão que um dia temi,
Hoje me envolve em um beijo de lucidez
Não passando de um espelho,
Me faz ver que meu único medo
Sempre foi eu mesmo.

Sobre os autores

Alberto Arecchi: Nascido em 1947, é um arquiteto italiano que tem uma longa experiência em projetos de cooperação para o desenvolvimento em vários países africanos, como professor e especialista em tecnologias apropriadas para o planejamento de habitat. Lecionou Projeto de Arquitetura, História da Arte, Tecnologia e Construção. É presidente da Associação Cultural Liutprand, de Pavia, que edita estudos sobre a história local e as tradições, sem descuidar as relações interculturais (site: <https://www.liutprand.it>). Tem participado a concursos literários, escrevendo em diversos idiomas e ganhando prêmios, com novelas e poemas.

Contato: alberto.arecchi@libero.it.

André Foltran: nasceu em São José do Rio Preto, interior de São Paulo, em 1996. É tradutor, formado em Tradução pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Foi premiado em dezenas de concursos literários, tendo poemas publicados em diversas antologias, revistas e suplementos literários. Mantém o blog pessoal Caderno: <http://andrefoltran.blogspot.com>.

Contato: andref.s.foltran@gmail.com.

Antônio Luiz Medeiros de Campos: Tem 19 anos, nasceu em Mairinque (SP) e atualmente reside em Alumínio (SP).

Contato: antonio.camppos2@hotmail.com.

Aparecida Gianello dos Santos: nascida na cidade de Guaíra – PR, é autora dos livros *Pensando bem... mil pensamentos para inspirar seu dia a dia*, *Cem poemas e um segredo* e *Retratos que o tempo não me tirou*. Tem participação em diversas antologias por meio de concursos literários, prêmios nacionais e internacionais (Portugal, Argentina, Chile, EUA e Cuba), além de inúmeras classificações, destacando-se nos gêneros conto, crônica e poesia.

Contato: aparecidagianello@gmail.com.

David Leite: Nascido e criado em Jandira. Participou das Antologias publicadas *Antologia Favo de Mel* (2015) e *Antologia Jandira e Outras Terras* (2017) da cidade de Jandira e *Bem-Vindos a Luna* (2018) e em edições da revista *Literalivre* (2018). Atuou como o Personagem Zepo na montagem da Peça *Piquenique no Front* de Fernando Arrabal com a Trupe Tríade Essencial (2014). Codirigiu o curta-metragem *A Retomada* (2014) e *Apocalipse de Quintais* (2014) com o Coletivo Sem Rótulo. É entusiasta na arte da escrita.

Contato: david.leite.allnet@gmail.com.

Edih Longo: é formada em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É atriz de Teatro, fazendo parte do Grupo *Arte in Cena* do Clube Paineiras do Morumbi. Faz parte do Clube de Leitura do mesmo estabelecimento social. É dramaturga, romancista, poeta, contista e cronista. Já ganhou alguns prêmios nestas modalidades e, foi agraciada recentemente em três primeiros lugares (poesia, conto, dramaturgia) e no terceiro lugar (romance juvenil) pela UBE (União Brasileira de Escritores) do Rio de Janeiro. Contato: edillongo@yahoo.com.br.

Evandro Valentim de Melo: Escritor. Brasiliense; casado, pai e avô; mestre em gestão do conhecimento e da tecnologia da informação; especialista em gestão de RH; administrador. Publicou *Guardiões do cerrado* (Assis, 2018); *Aventura no cerrado* (Assis, 2017); *Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá* (Assis, 2016), *Cliques narrativos: um romance em crônicas* (Assis, 2014); e “Causos” de RH: o livro (Livre Expressão, 2011). Detentor de premiações nas categorias conto, crônica e microconto em diversos concursos literários. Textos em várias antologias.

Contato: ordnave.melo@gmail.com.

Gabriela Rodrigues Ferreira da Silva: 20 anos, apaixonada por literatura e escrita, de Sorocaba (SP). Desde quando aprendeu o alfabeto, insistia em querer que as palavras realmente dissessem o que sentia, ainda que não soubesse muito bem como. E conseguiu. A paixão só foi aumentando, junto com o número de poemas e de obras lidas. A paixão é o que move cada letra que escreve. Participou do projeto *Postais do Correio do Porto – Portugal*, Projeto Doce Poesia Doce de 2017 e Antologia *Apenas mais um livro de amor*, da Editora Jogo de Palavras. Contato: gabriela-rodrigues13@outlook.com.

Geraldo Trombin: É publicitário, ex-colunista dos blogues ContemporArtes e BDE (Bar do Escritor) e colaborador do jornal *O Liberal*, de Americana/SP. Lançou em 1981 *Transparecer a Escuridão*, produção independente de poesias e crônicas, e em 2010 *Só Concurados - diVersos poemas, crônicas e contos premiados*. Tem classificações em inúmeros concursos literários realizados em várias partes do país e também em Portugal, além de trabalhos publicados em jornal e diversas antologias. Contato: gtrombin@terra.com.br.

Giórgia Neiva: Psicóloga, antropóloga e escritora, Giórgia Neiva atualmente está em processo de finalização do curso de Doutorado em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (PPGAS – UFG), na linha de pesquisa Corpo e Marcadores Sociais da Diferença.
Contato: *giorgianeiva@gmail.com*.

Guilherme Hernandez Filho: Nascido em São Paulo, em 01/06/1947, Engenheiro Eletrônico e pós-graduado em Administração de Empresas. Premiado em diversos concursos literários. Foi colaborador do site Cinezen Cultural.
Contato: *guilhermehernandezfilho@gmail.com*.

Joaquim Bispo: Português, reformado, ex-técnico da televisão pública, licenciado em História da Arte. Experimenta a escrita de ficção desde 2007. Frequentou oficinas literárias na Internet, colabora com a revista literária eletrônica Samizdat desde 2008 e integra mais de uma trintena de coletâneas resultantes de concursos literários dos dois lados do Atlântico.
Contato: *episcopum@hotmail.com*.

Lara Lice Signorette: Jovem autora e atriz teatral da cidade de Sorocaba que almeja atingir a muitos através de sua lírica. Nascida em 21 de dezembro de 1998, começa agora seu caminho pela literatura autoral. Sempre fascinada pela poesia e pelo teatro, começou a escrever aos treze anos e assumiu a profissão poeta; faz de sua inspiração seus pensamentos e incompreensões com a realidade junto de poetas malditos de décadas passadas.

Contato: lara.lice@hotmail.com.

Luís Amorim: Natural de Oeiras e com ascendência da minhota terra Arcos de Valdevez, Portugal, escreve poesia na forma de contos poéticos, narrativas poéticas e canções e, também, prosa na forma de contos e micro-contos desde 2005. Tem já escritas cerca de 700 histórias com 38 livros de ficção publicados, entre os quais: *Almas*, *Fantasia*, *Flores*, *Terra ausente*, *O Mapa* e *A ceia do bispo e outros contos poéticos*. Foi seleccionado por 51 vezes com histórias suas em concursos literários para antologias em livros, revistas ou jornais.

Contato: luisamorimeditations@gmail.com.

Marcelo Gomes Jorge Feres: Nascido em 06/07/1957, na cidade de Niterói, RJ. Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; pós-graduado em Filosofia (EAD) pela Universidade Gama

Filho, São Paulo, em 2013; publicou 13 livros de conteúdo poético-filosófico e participa de várias antologias desde 1987.

Contato: *marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com*.

Nina Bichara: Escritora brasileira.

Contato: *bicharamarina@gmail.com*.

Paulo Luís Ferreira: natural de Recife/Pe. Nascido em 17/07/1953. Vive em São Paulo desde 1973, quando ingressou em diversas escolas e grupos de teatro. Fotógrafo de profissão. Graduado em História e Geografia. Como escritor, escreveu para teatro, e ganhou o *Prêmio Estímulo à Literatura*, pela Secretaria de Cultura de São Bernardo do Campo. Outros contos foram publicados pelas Revistas Literárias: *Tantas Letras* e *Ponto e Contraponto*. Publicação nas revistas virtuais: *Literalmente Intrigante* e *Literalivre*. Menção Honrosa: Concurso Miau de Literatura com o livro de contos *Os Malefícios do Humor* pela Editora Costelas Felinas. Menção honrosa no Prêmio Bunkyo de Literatura; têm contos editados pela Big Time Editora. Tem um Romance, *Um Suco de Laranja Sem Açúcar com Hortelã*, e *Século XXI* (contos), autoeditado pelo Clube de Autores.

Contato: *pluis.177@globomail.com*.

Ravena Barros: é pesquisadora na área de literatura americana, professora de língua portuguesa e inglesa e de ambas literaturas. Poetisa nas horas vagas, Ravena cursou Letras na Universidade de Sorocaba e escreve desde os seus 14 anos obras inspiradas na linguagem dos poetas Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade. Seus poemas são respostas para os acontecimentos de sua vida (sendo eles bons ou ruins) e a manifestação dos sentimentos em relação a estes.

Contato: *ravenabnsh@gmail.com*.

Regina Ruth Rincon Caires: 64 anos, funcionária pública aposentada, formada em Letras e Direito e sem livros publicados. Gosta de escrever prosa e participar de concursos literários. É casada, tem dois filhos e seis netos.

Contato: *reginaruthrinconcaires@gmail.com*.

Ricardo Mendonça Cardoso: Nascido em São Paulo em 1991, mora na cidade de Sorocaba. É formado em Letras pela Universidade de Sorocaba, leciona Literatura para alunos do ensino médio e escreve desde os 19 anos. Tem dois livros de poesias (“Últimos momentos de uma lâmpada” e “A vasa do vento”) publicados pela editora Penalux.

Contato: *ricardo.mcardoso7@gmail.com*.

Roque Aloísio Weschenfelder: Natural de Santo Cristo – RS, reside em Santa Rosa – RS. Tem 69 anos de idade, é graduado em Letras e professor aposentado. Autor de mais de uma dezena de livros literários e didáticos; integra cerca de 150 antologias textuais no Brasil e em Portugal; é multipremiado em quase 200 concursos literários, tendo obtido prêmios de destaque como a Viagem Nestlé Pela Literatura em 2002. Ainda atua como revisor textual, consultor de publicação para novos autores, palestrante e orientador de acadêmicos quanto a textos que necessitam publicar.

Contato: roquealoisio@yahoo.com.br.







Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em novembro de 2018.